

fidélis dalcin barbosa

# OS fanáticos de jacobina



est

## OS FANÁTICOS DE JACOBINA

O autor destas páginas esteve um dia de 1970 em Sapiranga, colhendo material para uma reportagem jornalística sobre este próspero município gaúcho, fundado por imigrantes alemães. Teve, então, oportunidade de visitar o local que serviu de cenário do drama sangrento suscitado pela seita dos Muckers. Entrou ainda em contato com descendentes de pessoas que pertenceram a seita ou que tomaram parte no combate aos fanáticos.

Empolgado pelo desenrolar desta fascinante história, que agora vem de ser levada para a tela cinematográfica, o autor resolveu escrever não apenas uma reportagem, mas uma sequência delas, que foram sendo publicadas no "Correio Riograndense", de Caxias do Sul.

Numerosos leitores, atraídos pelo enredo sedutor da narrativa, semelhante a um romance, escrito em linguagem de extrema simplicidade, ao gosto do povo de poucas letras, insistiram, junto à direção do jornal no sentido de obter que se enfeixasse num livro tudo quanto vinha sendo publicado acerca dos Muckers.

Volvidos cinco anos, a ideia se concretiza, graças à iniciativa do professor e escritor Rovílio Costa, responsável por uma série de obras notáveis focalizando a saga heróica dos imigrantes italianos e alemães do Rio Grande do Sul.

O ano de 1974 assinalou o centenário da morte de Jacobina Maurer e do fim da seita de seus adeptos. Durante um século várias obras foram publicadas, em alemão e português, sobre o célebre episódio do Ferrabraz.

Ainda hoje Sapiranga recebe a visita de jornalistas, historiadores, pesquisadores, cineastas, todos interessados na divulgação de um acontecimento que preocupou o Governo da Província e do próprio Império.

"Os Fanáticos de Jacobina", que teve por fonte trabalhos dos historiadores Ambrósio Schupp, Leopoldo Petry, Klaus Becker e outros, é uma modesta publicação, de cunho eminentemente popular, uma narrativa singela e sucinta, que se lê numa sentada, como se fosse um belo romance.

*(continua na 2ª aba)*

Fidélis Dalcin Barbosa

**Os fanáticos de Jacobina  
(Os muckers)**



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

2013



Fidélis Dalcin Barbosa

**Os fanáticos de Jacobina  
(Os muckers)**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, História, 2ªEd. -Porto Alegre: Edições EST, 1984. 55p.; il.; 22cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-Compartilhualgal 3,0 Nao Adaptada.**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 04/07/2013

B238f Barbosa, Fidélis Dalcin, 1915-

Os fanáticos de Jacobina (os Muckers) [recurso eletrônico] / Fidélis Dalcin Barbosa. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-8326-015-8

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Rio Grande do Sul – História. 2. Imigrantes alemães – Rio Grande do Sul. I. Título.

CDU: 981.65

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

## Sumário

PREFÁCIO.....	9
IMIGRANTES ALEMÃES .....	11
SAPIRANGA.....	11
O FERRABRAZ .....	12
JACOBINA.....	13
O CURANDEIRO E A PROFETISA.....	14
OS MUCKERS.....	16
OS ADVERSÁRIOS.....	17
O CULTO.....	18
OS DOZE <<APÓSTOLOS>> .....	19
CONSELHO SECRETO .....	20
A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO.....	21
NOVA ASSEMBLEIA.....	23
O ABAIXO ASSINADO .....	24
A VISITA DO PADRE .....	26
PRISÃO DE MAURER.....	28
PRISÃO DE JACOBINA .....	30
NA POLÍCIA.....	32
FESTA MALOGRADA .....	35
A VOLTA DE JACOBINA.....	37
A «FORTALEZA» DOS MUCKERS .....	38
VISITA DA POLÍCIA .....	39
VISITA DO DELEGADO .....	41
ATENTADO AO INSPETOR.....	42
CENAS DE SANGUE .....	43
O DIVÓRCIO DE JACOBINA .....	45
RECURSO AO IMPERADOR.....	46
NOVA FESTA DO ESPÍRITO SANTO .....	48
MONSTRUOSIDADES .....	49
PRISÕES.....	51
INCÊNDIOS E CRIMES .....	52
OUTROS INCÊNDIOS .....	54
MAIS SANGUE.....	55

EM DOIS IRMÃOS .....	56
EM OUTRAS PICADAS.....	58
O EXÉRCITO NO FERRABRAZ .....	59
O COMBATE .....	60
O ATAQUE .....	62
FIM DA FORTALEZA .....	63
NOS ESCOMBROS DA CASA.....	65
FUGITIVOS.....	66
MORTE DO CORONEL GENUÍNO.....	67
EXPEDIÇÃO MALOGRADA.....	68
EXPEDIÇÃO DOS COLONOS .....	68
O FIM DE JACOBINA.....	69
OS ÚLTIMOS MUCKERS.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72

## **PREFÁCIO**

*A dramática história dos Muckers, o sangrento episódio do Ferrabraz, já incorporado a História do Brasil, foi, primeiramente, narrado em língua alemã, em linguagem primorosa, por Pe. Ambrósio Schupp. SJ. e não menos primorosamente traduzido para o português por Alfredo Clemente Pinto, o imortal autor da «Seleta em Prosa e Verso».*

*Klaus Becker, com seu trabalho «o Episódio dos Muckers», e Leopoldo Petry com «o Episódio do Ferrabraz», procuraram corrigir inexatidões na obra de Schupp, acusado de haver-se baseado, exclusivamente, em depoimentos unilaterais, colhendo apenas informações de adversários dos fanáticos de Jacobina.*

*Mais tarde, Janaína Amado, com «Conflito Social no Brasil - a revolta dos Muckers»; Moacir Domingues com «A Nova Face dos Muckers»; Arthur Rabusque, através do suplemento literário do Correio do Povo; Josué Guimarães em «A Ferro e Fogo»; ultimamente Hugo Muxfeldt com «Os Muckers - 100 Anos depois», e outros autores, procuraram trazer novas luzes sobre o celebre episódio que Bodanski levou para as telas cinematográficas.*

*«Os Fanáticos de Jacobina», de Fidélis Dalcin Barbosa, agora em 2ª edição, é uma narrativa popular, em estilo simples, baseada em todos os autores acima citados, sendo, desta maneira, a história expurgada do triste episódio.*

*A primeira edição esgotou-se em pouco tempo, provando que esta monografia, sem maiores pretensões que não a divulgação do acontecimento, agradeu ao público do Rio Grande do Sul e do Brasil.*

*Esta nova edição tem o mérito de trazer novos esclarecimentos, agora vindos a público mediante o trabalho de um ilustre descendente dos Muckers, o professor Hugo Muxfeldt.*

*Este conceituado estudioso das abelhas e do mel, pergunta se Jacobina, falando da estrada de ferro a S. Leopoldo que um dia teria fim, não se referia a desativação da ferrovia ocorrida nos últimos tempos.*

*O cronista e historiador Sérgio da Costa Franco (Correio do Povo 17.9.83), citando o jornal «A Reforma», de 12.10.1873, refere que Jacobina havia anunciado um novo dilúvio, que poderia ser a grande enchente de 1873, que flagelou Porto Alegre e São Leopoldo, havendo aqui, na colônia, arrastado mais de 20 casas e ranchos.*

*Não seria, talvez, o caso de algum psicólogo aprofundar o estudo desta discutida mulher, a fim de saber se era de fato uma falsa profetisa? Fica aí a sugestão.*

*Rovílio Costa*

## **IMIGRANTES ALEMÃES**

Em 1824, chegavam a Porto Alegre os primeiros imigrantes alemães que, em numero de 120, se estabeleceram junto das férteis margens do rio do Sinos, na antiga Feitoria do Linho Cânhamo, dando, assim, início à Colônia Alemã de São Leopoldo.

À Colônia D. Pedro I, em 1825, deu o nome de São Leopoldo, em homenagem, provavelmente - segundo o historiador Sérgio da Costa Franco - ao avô de sua esposa, Leopoldo II, que ocupou o trono da Áustria até 1792.

Coube ao presidente da Província, José Feliciano Fernandes Pinheiro, organizar a Colônia de São Leopoldo, que considerava a obra principal do seu governo, mercê do que obteve o título de Visconde de São Leopoldo, conferido pelo próprio Imperador, em 12 de outubro de 1826.

Muitos milhares de alemães vieram depois instalar-se nas planícies dos rios Sinos, Caí e Taquari. Além de São Leopoldo, eles fundaram dezenas de outras cidades importantes, como Novo Hamburgo, Santa Cruz, Campo Bom, Sapiranga, trazendo extraordinária contribuição ao desenvolvimento do Estado e do Brasil, especialmente com suas indústrias de calçado.

## **SAPIRANGA**

Sapiranga, a uns 60 quilômetros de Porto Alegre, é uma linda cidadezinha, toda enfeitada de rosas, sendo, por isso, conhecida por «Cidade das Rosas». Anualmente, Sapiranga celebra a Festa das Rosas, que atrai numerosos visitantes.



Entretanto, não é a Festa das Rosas o motivo de maior atração turística de Saporanga, mas o acontecimento que vamos narrar nestas páginas. Historiadores, jornalistas e estudiosos, até do estrangeiro, visitam o local onde se desenrolou o episódio, que chegou a preocupar não só o governo da Província, mas até o próprio Imperador do Brasil.

## **O FERRABRAZ**

Ao norte da cidade de Saporanga, alteia-se o Morro do Ferrabraz, de 428 metros de altitude, do cimo do qual se descortina vasto panorama, coroado ao longe pela selva de pedra dos edifícios da Capital do Rio Grande do Sul.

Ao sopé deste morro, ergue-se uma grande cruz de madeira, com estes dizeres: «Aqui foram mortos, a 2 de agosto de 1874, em combate com as forças do exército e voluntários civis, Jacobina Maurer e 16 membros da seita dos Muckers».

Mais abaixo um pouco, ergue-se um monumento ao herói nacional que chefiou as forças combatentes contra Jacobina e seus fanáticos. Traz a seguinte legenda: «Homenagem a Genuíno Sampaio e aos seus comandados que tomaram neste local a serviço da ordem e do progresso, Ano de 1874».

A algumas dezenas de metros da cruz de madeira, entre a vegetação, podem-se ver ainda hoje os restos da tapera da casa de reuniões dos membros da seita dos Muckers.



## JACOBINA

Jacobina Mentz, filha de André e Maria Elisabet Müller Mentz, nascida em junho de 1842 em Hamburgo Velho, RS, é neta de Libório Mentz, que chegou a São Leopoldo a 6 de novembro de 1824, como integrante da segunda leva de imigrantes alemães.

Libório Mentz, tronco de numerosa e honrada família, estabeleceu-se em Hamburgo Velho, onde exercia a profissão de carpinteiro.

Foi ele que construiu a primeira capela evangélica da região e formou, ainda, com seus familiares e vizinhos, um coro de cantores de igreja.

Jacobina, órfã de pai aos 10 anos, era de mediana estatura, corpulenta, de olhar expressivo. Entretanto, tinha uma grave doença: sofria de ataques. Entrava numa espécie de sono letárgico, que durava, por vezes, até mais de 12 horas.

Na Colônia fora difundido um livro que narrava a história de uma mulher sonâmbula, a qual, em estado de sonambulismo, descobria a cura de enfermidades e previa o futuro.

Jacobina achou que seus ataques nada mais eram que sonambulismo. Meteu, então, na cabeça que ela também poderia operar curas e prever o futuro.

Um dia, o médico Dr. Hillebrand, diretor da colônia, disse à viúva Mentz que o que faltava à sua filha era marido.

Jacobina casou em 26.5.1866 com um rapaz boa-pinta e boa-vida, que havia servido na Guarda Nacional de S. Leopoldo - João Jorge Maurer, que trabalhava na marcenaria de André Mentz, irmão de Jacobina.



Era natural de S. José do Hortêncio, nascido em 28.2.1841, o jovem casal ficou morando na casa da viúva Mentz. Por falta de serviço para João Jorge e também por desentendimento dele com a sogra e a cunhada Carolina, a mãe de Jacobina tratou de livrar-se do genro, adquirindo-lhe um lote de terra ao pé do Morro do Ferrabraz.

Mandando a filha para a roça, a viúva Mentz nutria a esperança de livrá-la daquela sua mania de vidente.

A mudança aconteceu em 1868, quando o casal já tinha o primeiro dos seis filhos, nascido em 19.5.1867.

## **O CURANDEIRO E A PROFETISA**

Longe de sua terra natal, maltratados pela nostalgia e pela saudade, os heróicos imigrantes, perdidos no labirinto da floresta, lamentavam a falta de escolas, do pastor protestante ou do sacerdote católico.

Viviam como que abandonados, em terras quase sempre sem título, trabalhando rudemente, numa agricultura primitiva e pouco rendosa.

Além disso, não havia médico na Colônia. Um dia apareceu por lá um curandeiro, que viera da Alemanha em 1846. Era William Ludwig Buchhorn. Esteve na casa de João Jorge.

Ele não curou Jacobina de seus ataques, mas ministrou ao seu marido umas lições de curandeirismo.

João Jorge Maurer, a quem aborrecia o trabalho da roça, principiou, então, a tratar alguns casos de doenças, com certo êxito. Sem demora, passou a ser conhecido por curandeiro.

À sua modesta casinha de madeira, acorriam quantos necessitassem de cuidados médicos. Ele tratava a todos com desvelo e carinho, chegando, não raro, a convidar seus doentes a se hospedarem em sua casa, a sentarem à sua mesa, a saborearem seu gostoso café Colonial e o mel de suas colmeias.

Como, em geral, a doença dos visitantes era fraqueza e cansaço, a cura sobrevinha.

Jacobina, ativa e diligente, auxiliava o marido no tratamento dos doentes. A empregada, Ana Maria Hofstauer, colaborava.

Mas, convencida de que o seu sono misterioso nada mais era do que sonambulismo, começou a descobrir a doença dos clientes do marido. Então, ela, deitada na cama, naquele seu sono enigmático, ditava as receitas.

Desta maneira, por vezes, quem diagnosticava não era João Jorge, mas a sua esposa. Esta tratou de alfabetizar-se, a fim de poder ler a Bíblia e encontrar no livro sagrado a solução dos males dos enfermos que o marido tratava.

Então, para mais impressionar os doentes, Jacobina procurava na Bíblia interpretação, que se enquadrasse no seu trabalho de curandeirismo.

Hugo Muxfeldt, a página 82 do seu livro citado, revela que o jovem Henrique Weber, filho do pastor Felipe Weber, da Linha Nova, descontente com a situação religiosa da Colônia, teria, segundo tradição oral, proposto ao casal Maurer que fundasse uma comunidade evangélica nova, melhor do que todas quantas conheceria.

Diz o autor que «se alguém fizesse uma estatística da vida familiar dos pastores evangélicos de todo o mundo, verificaria que 90% dos filhos deles, de ambos os sexos, são revoltados. Na maioria das comunidades evangélicas, o pastor é um assalariado. Reside na casa paroquial, sempre pobre, sem conforto, subordinado a diretoria ...»

## **OS MUCKERS**

Para aumentar o prestígio do casal, surgiu uma terceira pessoa, que era o intelectual da Colônia - o professor João Jorge Klein, casado com Catarina Mentz, Irmã de Jacobina.

Era alemão nato, viajado e culto, mas de temperamento difícil, rancoroso, de poucas palavras. Fora pastor protestante. Foi considerado o mentor de Jacobina, sendo até conhecido por Padre dos Muckers (Muckerpfarr, conforme escreve o professor Hugo Muxfeldt, em seu livro «Os Muckers - 100 anos depois», publicado em 1983).

Outros parentes dos Mentz, como Fuchs, Noé e Volz, aderiram à iniciativa de Jacobina. Outros mais, protestantes e católicos.

Reuniam-se na casa do curandeiro Maurer e, juntos, liam e interpretavam a Bíblia.

Em pouco tempo, Jacobina era considerada uma autêntica profetisa, a quem os incultos colonos não hesitavam em confiar seus segredos e suas angústias.

Em torno dela, formou-se um grupo de admiradores, abrangendo nada menos de 34 famílias de adeptos.

A estes o pastor protestante João Brutschin deu um dia o nome de MUCKER, que significa santarrão, santo falso, fanático. O nome, aliás, como diz Klaus Becker, já fora dado nos Estados Unidos a uma seita de cunho pietista.

No fundo, observa Hugo Muxfeldt, o que estes colonos queriam era contar com um líder, que iniciasse um movimento de protesto e revolta contra a vida miserável da colônia.

«Ali, na casa do curandeiro - diz Muxfeldt - os colonos se encontravam, a procura de remédios e conselhos. Surgiu, espontaneamente, a ideia do grupo, uma comunidade, associação, na abandonada Picada do Ferrabraz. E o grupo se formou. Era uma «seita», diziam os adversários».

## **OS ADVERSÁRIOS**

Protestantes e católicos frequentavam as reuniões. O pastor de Dois Irmãos, Ver. João Brutschin, foi o primeiro a insurgir-se, em 1868, contra o movimento, alertando os fiéis.

O Pe. Matias Müsch, por sua vez, procurava dissuadir os católicos de participarem das reuniões, na casa de João Jorge Maurer.

A seguir, os ataques aos Muckers começaram a aparecer nos jornais de São Leopoldo, um (Der Bote) protestante; outro (Deutsches Volksblatt), católico.

Qualificavam a «líder feminista de bruxa, embusteira, feiticeira, sedutora de homens» (Hugo Muxfeldt).

Formou-se, então, o partido dos debochadores, os *Spoetter*.

Mais tarde, três autoridades de São Leopoldo colocaram-se contra os Muckers, embora fossem seus parentes. Por questões políticas, favoreciam os adversários dos fanáticos de Jacobina.

Eram: Cristiano Spindler, Subdelegado de Polícia de S. Leopoldo; João Lehn, Inspetor de Quarteirão, que morava no Ferrabraz; e Lúcio Schreiner, Delegado de Polícia de São Leopoldo.

## O CULTO

Aos domingos, a cavalo e a pé, lá vão para a casa de João Jorge Maurer os devotos de Jacobina, para assistir as reuniões e celebrar o culto da nova seita.

Reunidos na sala, em torno da mesa, sobre a qual figura a Bíblia, todos aguardam ansiosamente o aparecimento da profetisa, a qual se encontra em seus aposentos. João Jorge dá sinal para o início da devoção. A seguir entoa-se um cântico religioso.

Depois faz-se uma pausa, durante a qual principia-se a ouvir o som misterioso de uma música, que todos julgam vir do céu, mas que na realidade procede de uma caixa de música a corda, previamente colocada atrás de uma porta pela brincalhona Ana Maria Hofstäuer (Hugo Muxfeldt).

Então, no meio de um ambiente de expectativa e mistério, surge Jacobina, lentamente, majestosamente. Aproxima-se na mesa. Pega a Bíblia. Relanceia o olhar sobre os presentes. Observa a todos, um por um, atentamente. Depois fala:

- Estão faltando alguns fieis.

A seguir, ela abre o livro sagrado e começa a ler. Lê mal, muito devagar, tropeçando nas palavras. Levanta os olhos e diz:

- Esta passagem da Bíblia sagrada significa que alguns dos presentes me hão de trair, como fez Judas. Ai deles! Sofrerão um tremendo castigo.

E Jacobina prossegue:

- Eu sou o Cristo. Se alguém ainda tiver alguma dúvida, que venha aqui no dia de Pentecostes. Naquele dia, ocorrerá aqui um grande milagre. Milagre que há de acabar com todas as dúvidas. Milagre que deixará pasmos e mudos todos os incrédulos! ...



## **OS DOZE <<APÓSTOLOS>>**

Cristo, para evangelizar sua doutrina e dilatar o seu reino, escolheu os 12 Apóstolos.

Jacobina dizia-se Cristo. Então os seus adversários acharam que ela também deveria formar a sua equipe de apóstolos.

Parece que ela não chamou de apóstolos os seus auxiliares, mas íntimos. Os debochadores, por sua própria conta e risco, teriam inventado essa história de apóstolos.

Conforme o professor Hugo Muxfeldt, a história principiou de maneira jocosa. Um dia, Carlos Einsfeld, um honrado ferreiro e armeiro, cobrou publicamente o conserto de um velho trabuco.

Vendo a bolsa recheada de moedas, um gaiato teria exclamado: Parece o apóstolo Judas.

Era o começo. João Jorge Maurer seria o apóstolo João, por sua intimidade com Jacobina.

Seus irmãos Francisco e Henrique Mentz seriam outros dois apóstolos. Entretanto, o primeiro não aceitou o convite de colaborador de sua irmã, declarando que tudo quanto ela fazia, não passava de grosseiro embuste.

Em seu lugar, ficaria Jorge Robinson. Homem de alta estatura, forte, barba e cabelos ruivos, De origem britânica. Residia em Dois Irmãos.

Outro apóstolo destacado seria Rodolfo Sehn, filho de João Sehn. Cristiano Kassel, pessoa profundamente dedicada a Jacobina, integraria a relação dos seus «apóstolos».

Jacó das Mulas, Jacó Fuchs, um tropeiro, o fiel «sacristão», da profetisa, seria igualmente incluído na lista.

Eles, os «apóstolos», tinham o sagrado dever de servir a Jacobina, obedecer as suas ordens como ao mais santo dos mandamentos. Deviam ainda espreitar os passos dos seus seguidores, como também dos adversários, os «ímpios», a fim de pô-la sempre a par dos acontecimentos.

## **CONSELHO SECRETO**

Francisco Mentz, irmão de Jacobina, moleiro de profissão, não só recusou o convite para «apóstolos», mas tomou ainda atitude francamente agressiva contra o que ele qualificava de puro charlatanismo, que vinha lançar o germe da discórdia e da desunião no seio de numerosas famílias que viviam felizes.

A exemplo de Francisco, outras pessoas, refletindo com calma e serenidade sobre os acontecimentos do Ferrabraz, envergonhadas de se haverem deixado ludibriar, retiraram-se do convívio dos Muckers.

Jacobina vai tentar agora reconquistar estas pessoas. Começa então a escrever, certamente por mão do seu orientador Klein, uma carta ameaçadora, na qual anuncia terrível tormenta para todos aqueles que recusassem acompanhar seus passos.

Parece que a profetisa queria mesmo era provocar desentendimentos, dos quais pudesse talvez surgir uma luta sangrenta. Para tanto, organizou ainda um conselho secreto, composto de quatro fervorosos adeptos, Desta maneira, tornava-se possível preparar severo castigo para todos os adversários de Jacobina.

Foi marcada nova reunião para o dia 7 de maio daquele ano de 1873, uma quarta-feira. Filipe Sehn resolve ir à reunião e convida o vendeiro Pedro Schmidt, mais conhecido por Pedro Serrano, que mais tarde, transferindo-se para os campos de Cima da Serra, se tomara importante fazendeiro no município de Bom Jesus.

- Quero ir - esclareceu Filipe - para ver se arranco meu irmão João daquele covil.

- Não sei se conseguirá, Filipe. Dizem que quem põe pé naquela casa, não sai mais. Afirmam que Maurer coloca cicuta na comida e na bebida, e com isso transtorna a cabeça da gente.

Mas Filipe foi e assistiu à reunião.

## **A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO**

Era o dia 19 de maio de 1872, festa de Pentecostes, dia da realização do milagre anunciado por Jacobina. Os devotos encontram-se reunidos na casa de João Jorge Maurer.

Dado o sinal, tem início a cerimônia, com um cântico entoado pelo sacristão de Jacobina, Jacó Fuchs, mais conhecido por Jacó das Mulas.

Após o cântico, as orações. De repente, abre-se a porta do aposento, onde, deitada no leito, Jacobina jaz imóvel, o semblante transfigurado, o olhar fixo no alto.

Todos contemplam a cena com religioso respeito e curiosidade... Passados alguns instantes, fecha-se a porta. Ouve-se, então, forte ruído como de trovada, que a todos deixa espantados, atônicos.



Mais alguns minutos e a porta abre-se novamente. Os fieis olham, aproximando-se do leito, sobre o qual restam apenas as roupas que Jacobina vestia. Mas ela onde está? Desapareceu, Desapareceu misteriosamente.

- Milagre! - exclama alguém.

- Milagre! - repetem outros.

O quarto, para eles, só tinha uma porta, só tinha uma saída. Ninguém vira a mulher sair. Onde estará ela então? Maurer é quem explica o mistério, dizendo: Ela está com Deus. Rezai para que ela volte.

Fecha-se a porta do quarto, Jacó das Mulas brada: Cântico número 103.

Todos abrem o livro e cantam. Depois rezam e tornam a cantar.

Enfim, abre-se a porta, e Jacobina aparece, toda vestida de branco. Caminha vagarosamente. Para. Lança um olhar sobre as pessoas e fixa-o num ponto. Toma expressão risonha. Faz sinal para alguém. É João Jorge Klein.

Ele, rompendo entre o grupo, adianta-se e vai cair de joelhos diante da profetisa, e exclama: Sim, eu creio, Creio que tu és o Cristo!

- Sim - responde Jacobina - é verdade. É como dizes, eu sou o Cristo, Quem fala por meus lábios não sou eu, é Cristo. Quem acreditar em mim, terá a vida eterna...

E assim, com este «milagre», no dia de Pentecostes, estava definitivamente fundada a nova «igreja», solenemente inaugurado o reino de Jacobina.

Todos, tomados de místico delírio, partem para suas casas como desnorreados, como se fossem vítimas de grave acontecimento.

## **NOVA ASSEMBLEIA**

Filipe chegou à casa de Maurer exatamente no instante em que se iniciava a sessão, Esta principiou com a música «celeste», e um cântico entoado por Jacó das Mulas.

Depois surgiu Jacobina, com aquele seu ar sobrenatural nos olhos, nos meneios, nos passos, nas vestes. Relanceou solenemente o olhar sobre os assistentes e falou com autoridade:

- Há aqui alguém que não creia que eu sou o Cristo? Se houver alguém, que se levante e fale.

Silêncio impressionante! Ela torna então a repetir, com maior vigor, as mesmas ameaçadoras palavras, as quais, entretanto, ninguém responde. Ela continuou:

- Bem, vós todos sois os meus queridos!

Abriu a Bíblia e leu o trecho do Evangelho que relata a traição de Pedro. Depois esclareceu:

- O meu irmão Francisco, convidado para ser meu apóstolo, imitou o exemplo de Pedro, traindo seu Divino Mestre.

E Jacobina prosseguiu dizendo:

- O que acabais de ouvir é uma profecia. Uma profecia que agora se realiza ao pé da letra no meio de vós. Há seis anos eu fui chamada por um espírito ao morro. O espírito declarou que eu sou o Cristo. Entretanto, ordenou-me que guardasse segredo até que chegasse o tempo oportuno de o revelar.

E Jacobina prosseguiu:

- E ouvi o que ainda tenho a dizer-vos, o mundo perecerá em breve. Ninguém de vós mande mais seus filhos à escola. Não será

mais preciso ler nem escrever. Também ninguém mais vá à igreja que frequentava até aqui. Retire-se da comunidade a que pertence e conserve-se fiel aos escolhidos.

E se uma mulher - frisou com ênfase - se uma mulher quiser vir a mim e o marido se lhe opuser, ou vice-versa, o que vier será salvo e a outra parte perecerá. Pois eu vos afirmo que por minha causa os filhos se revoltarão contra os pais, as mulheres contra seus maridos; mas quem se conservar fiel a mim, nada lhe há de faltar. Receberá cento por um.

Cada qual trate, pois, de prevenir-se para o dia da adversidade. Estão por vir dias terríveis. Os ímpios erguer-se-ão contra os eleitos. Pelas estradas, encontrar-se-ão cadáveres, e não haverá quem os sepulte. Aos eleitos, porém, nada acontecerá. E quando vos arrastarem aos tribunais, não deveis temer, porque os juízes nenhum poder terão sobre vós...

Findo este sermão escatológico, que a todos eletrizou, Jacó das Mulas entoou um cântico, enquanto Jacobina retirava-se para o seu aposento, onde passou a receber a todos para o beijo de despedida.

## **O ABAIXO ASSINADO**

Jacobina acabava de confessar publicamente, diante de Filipe Sehn, o que já vinha acontecendo: mulheres revoltando-se contra os maridos, filhos contra os pais...

Finda a sessão, Filipe monta a cavalo e vai diretamente à casa do professor Weiss, a quem relata quanto viu e ouviu. Depois pede ao professor que redija um requerimento ao Delegado de Polícia, solicitando que mande acabar com os desatinos de Jacobina. Declarava que o movimento do Ferrabraz constituía um perigo a ordem e tranquilidade públicas.

Weiss redigiu o requerimento. No dia seguinte, Filipe e um amigo saíram e obtiveram 47 assinaturas de membros da colônia. A seguir o documento foi entregue ao Delegado de Polícia de São Leopoldo.

Passados alguns dias, João Sehn vai a casa do seu irmão Filipe, com o pretexto de comprar-lhe um boi. Contente com a visita, após longa ausência, Filipe vai com João ao potreiro para escolher o animal. Conversa vai, conversa vem, o assunto caiu no Ferrabraz.

- João - diz Filipe - bem que você podia deixar de ir ao Ferrabraz. Jacobina é mulher à toa e embusteira. Não merece confiança. Vive iludindo a boa fé dos colonos.

- Você está enganado, Filipe. Ela não ilude ninguém, o que ela diz esta na Bíblia. Ela só faz o que a Bíblia manda.

- Aí é, que está a astucia dela Para iludir, ela se obriga a lançar mão da Bíblia, que ela interpreta como bem entende. Você, João, é meu irmão. Não gostaria que te iludissem. Fica feio para mim. Viu, João? Eu estou tão interessado em que você não ponha mais os pés na casa daquela mulher, que até vou lhe fazer presente do boi que você deseja. Pode escolher o mais bonito. Não lhe custa nada. Dou de graça e com prazer.

- Não, Filipe. Não aceito o seu boi. E não deixarei de seguir os bons ensinamentos da Jacobina.

- Bom, mano, já que você é tão teimoso, escute o que vou lhe dizer: a igreja do Ferrabraz tem seus dias contados. Já foi entregue um abaixo assinado ao Delegado de Polícia, pedindo providências. E pode muito bem acontecer que te levem com ela para a cadeia como um ladrão. Há de ser muito bonito para você e para todos nós da família, não é?

- Está bem, Filipe, eu vou pensar - concluiu João, ao despedir-se do irmão.

## **A VISITA DO PADRE**

Mas não foi só o irmão Filipe que se interessou em afastar João do Ferrabraz. Dias após, o P. Matias Músch, de S. Leopoldo, fazendo sua costumeira visita à colônia, chegou em casa dele, onde outras vezes estivera para celebrar missas, fazer batizados...

- Então, João - pergunta o sacerdote - você ainda frequenta as reuniões de Jacobina?

- Sim, padre, continuo frequentando. E não vejo nisso mal algum.

- Olhe, João, não fica bem para um católico. Lá se praticam coisas que a Igreja Católica não pode admitir, como por exemplo a livre interpretação da Bíblia.

E o padre continuou argumentando arrasadoramente, de sorte que João se viu em apuros. Sua esposa então interveio na discussão, dizendo:

- Olhe, padre, afinal nós lá no Ferrabraz só praticamos o bem. Rezamos, cantamos. Não vamos a festas, a bailes e jogos, como fazem os católicos. Nós nada mais fazemos que praticar o autêntico cristianismo.

- Não é bem assim, minha senhora. Lá praticam-se coisas proibidas. Eu sei.

- É pura calúnia dos ímpios, padre!

- Acalme-se, minha filha. Afinal eu não vim aqui por sua causa, que a senhora é protestante. Eu vim por amor do seu marido, que é católico.

- O meu marido pensa como eu e como todos os nossos filhos. E quanto aos perigos que corremos, não se preocupe; saberemos enfrentá-los.

- É verdade, João? - perguntou o padre.
- É verdade, padre. Todos nós pensamos assim.
- E está também disposto a ir ao encontro do perigo?
- Vamos experimentar.

O jesuíta, vendo que estava perdendo tempo, pregando no deserto, despediu-se, amargurado, declarando:

- Eu cumpri o meu dever. O resto entrego a Deus.

- Montou a cavalo e partiu. Dirigiu-se à casa de Rodolfo, filho mais velho de João, na tentativa de dissuadir pelo menos a este, que era pessoa honesta, homem forte e trabalhador.

Rodolfo, que morava no outro lado do rio do Sinos, manteve prolongada palestra com o padre acerca dos Muckers, cuja seita ele e sua família haviam abraçado.

Duas jovens esposas, a de Rodolfo e sua cunhada, casada com Jacó Sehn, acompanhavam viva e impacientemente a discussão, a cunhada em defesa de Rodolfo, ao passo que a mulher deste torcia a favor do padre.

A cunhada era filha de pais católicos, mas passara de corpo e alma para a seita de Jacobina. Súbito ela entrou furiosamente na discussão, a defender-se com unhas e dentes. O sacerdote convidou-a a que se acalmasse e fosse à igreja, pois havia muito tempo que não recebia os sacramentos.

- O que? Eu confessar-me? - rugiu como possessa - Prefiro que me matem a me apresentar outra vez no confessionário.

Conforme adiante veremos, foi isso que aconteceu. A infeliz mulher pereceu durante um combate movido contra os fanáticos de Jacobina.

## **PRISÃO DE MAURER**

O Delegado de Polícia de São Leopoldo, recebido aquele abaixo assinado, ordenou que o Subdelegado se informasse do que realmente vinha ocorrendo no Ferrabraz. Este, por sua vez, incumbiu o Inspetor do quarteirão, João Lehn, a se apresentar em casa de João Jorge Maurer.

Chegando lá, o Inspetor encontrou Maurer trabalhando na roça, enquanto Jacobina, no seu aposento; se entretinha com Jorge Robinson e Cristiano Kassel.

- João Jorge, - disse o Inspetor - eu sou seu vizinho e amigo, por isso, me constrange comunicar-lhe a ordem que trago do Subdelegado de Polícia.

- É ordem de me prender? - perguntou o marido de Jacobina.

- Não, Maurer. É apenas ordem de se apresentar ao Subdelegado.

- Bom, se for só isso, não me custa. Posso ir, não é, mulher? - perguntou ele a Jacobina.

- Não vai, não. A Polícia nada tem a ver com isto. A nossa causa não é deste mundo.

O Inspetor foi ter com o Subdelegado e informou:

- O João Jorge não quer vir se apresentar. A Jacobina não deixa.

O Subdelegado e o Inspetor foram ambos à casa do curandeiro e apresentaram a intimação por escrito do Delegado.

- Eu não sei ler - respondeu Maurer.

- Eu leio.

O Subdelegado leu. Maurer ouviu a leitura e respondeu:

- Tudo muito bem, mas podem voltar e dizer ao Delegado que quem não vai lá sou eu.

O inspetor falou:

- Olhe, João Jorge, acho melhor que você obedeça, para evitar maiores complicações.

- Não, senhores. O que eu disse está dito. Não vou.

Foi um triunfo para Jacobina. Agora ela prosseguia com maior animação, pregando livremente a sua doutrina e atraindo numerosos fieis à sua casa.

Os devotos, a sós ou em grupos, lá iam todos os dias, levando o que tinham de melhor em suas casas: ervilhas, feijão, legumes, açúcar, farinha, ovos, galinhas, enfim, tudo que pudesse agradar a profetisa e seu marido.

Jacobina havia anunciado que no dia 22 de maio, festa da Ascensão do Senhor, se daria outro grande acontecimento. Alguns supunham tratar-se da subida ao céu de Jacobina; outros diziam que seria o fim do mundo...

Antes do dia 22, entretanto, precisamente no dia 20 de maio, aconteceu o que Jacobina não havia predito, apesar de sua fama de profetisa. Naquele dia, à casa dela, acompanhado por cinco praças, chegava o Delegado de Polícia.

Colhidos de surpresa, os Muckers não sabem se devem resistir ou se devem obedecer a intimação da Polícia. Por fim, achando que encontrariam forma de se evadir da cadeia, caso fossem presos, prontificaram-se a seguir para São Leopoldo, junto com o Delegado.

- E Jacobina? - perguntou este.

- Ela está doente. Não pode suportar a viagem – esclareceram.

Respondendo a interrogatório, João Jorge Maurer declarou ter 32 anos, ser filho de Carlos Maurer, da Linha de S. José do Hortêncio,

e analfabeto; que fazia curas sem ser médico e que pedira em vão a profissionais que examinassem seus métodos; que em sua casa se faziam reuniões para interpretar a Bíblia; que a elas havia convidado padres das duas religiões; que a explicação da Bíblia era feita por sua esposa Jacobina, inspirada por Deus; que ela não sabia ler, mas que aprendeu a ler depois que Deus a inspirara; que não sabia como o espírito de Deus descera sobre ela...

Lucio Schreiner, o Delegado, a contragosto, deixou que a mulher do curandeiro ficasse, Montou a cavalo, com seus praças, levando presos Maurer e mais uns trinta Muckers.

Durante a viagem Maurer foi vítima de insultos e maus tratos. Chegando a São Leopoldo houve até quem cuspsse na cara. Foi remetido a Porto Alegre, ficando preso no quartel da Polícia, enquanto os seus companheiros retornaram para casa.

## **PRISÃO DE JACOBINA**

A causa da intranquilidade na colônia não era propriamente o curandeiro Maurer; era a sua esposa. Por isso, ela também deverá comparecer para prestar esclarecimentos à autoridade policial.

Era preciso agir com prudência, a fim de evitar derramamento de sangue. A primeira providência neste sentido, foi descobrir uma pessoa que fosse bem vista pelos Muckers.

Luís Weber, morador de São Leopoldo, foi o escolhido. Homem de barbas brancas, ponderado, olhar bondoso, era conhecido e estimado em toda a colônia.

Relutando e sob veementes protestos da esposa, Weber aceitou por fim a grave incumbência. E sem tardanças partiu de carroça para a

Fazenda Leão, hoje Sapiroanga. Ele a cavalo e um rapaz à boleia. Atrás, escoltado por sete praças, seguia um capitão.

Weber parou junto à casa do amigo Kroeff a fim de pegar dois pães e uma garrafa de vinho para o jantar. Mais adiante, descansou um pouco na venda de Pedro Serrano, onde combinou com o capitão a modalidade de proceder na captura de Jacobina.

Puseram-se de novo em marcha. Passaram pela casa do professor Weiss, dobraram à esquerda e embrenharam-se na mata. Nas proximidades da casa da profetisa, tomaram por dois caminhos; o capitão com quatro praças, de um lado; Weber com os demais, por outro.

Como era véspera da festa da Ascensão do Senhor, muita gente encontrava-se reunida em casa da família Maurer. Weber chega, apresenta a ordem e pede que Jacobina o acompanhe.

- Seu Luís - diz um mucker - estamos jantando. Venham vocês também sentar à mesa conosco.

- Não, obrigado. Nós vamos esperar, Depois da refeição queremos falar com a D, Jacobina.

Findo o jantar, Luís Weber insiste:

- Por favor, a D, Jacobina. Preciso falar com ela.

- Agora não é possível, Seu Luís.

- Façam o favor, sim?

- Está bem Luís, mas antes disso nós queremos entoar um cântico.

- Então cantem depressa.

Puseram-se a cantar com vibração, num berreiro ensurdecedor. Mas o canto não tinha mais fim. Weber foi obrigado a gritar.

- Chega, chega! Parem com isso de uma vez.



Pararam de cantar. Luís ficou esperando, esperando. Por fim, perguntou:

- Então, vem ou não vem?

- Jacobina está morta - foi a resposta.

- Morta ou viva, ela vai agora comigo a São Leopoldo. Está bem?

E voltando-se para os guardas, Weber ordenou:

- Vamos lá, camaradas!

Quatro praças entram no quarto e dão com a mulher deitada na cama, imóvel como um cadáver. Agarram as quatro extremidades do colchão e transportam-na para fora de casa, colocando-a em cima da carroça. Imediatamente, homens e mulheres trepam no veículo, sob os protestos dos guardas.

- Deixá-los enquanto der - intervém Weber.

A carroça põe-se em movimento pela estrada escabrosa, aos solavancos. Jacobina sempre a dormir, a dormir. Dorme durante toda a viagem. E a dormir chega a São Leopoldo, já ao clarear do dia.

## **NA POLÍCIA**

A notícia da chegada de Jacobina espalhou-se rapidamente pela vila, provocando correria de curiosos à Câmara Municipal, interessados em conhecer a já famosa profetisa.

Ela continua imóvel sobre o colchão, entregue ao seu sono imperturbável. Dois soldados retiram-na do colchão e a colocam em cima de uma mesa, ao comprido, na sala de audiências.

Mas e agora, como fazer para acordá-la? Um fala-lhe ao ouvido:

- Jacobina, acorde. Aqui está o seu marido que deseja falar-lhe.

Ela não acorda. Sacodem-na. Sacodem-na com força. Nada.

- Vamos chamar o médico - sugere alguém.

Vieram dois médicos, os quais esgotaram igualmente todos os recursos inutilmente. A mulher continuava dormindo profundamente.

Entre os Muckers presentes, encontrava-se o sogro de Jacobina, juntamente com uma irmã dela e ainda o Jacó das Mulas.

- Escutem - perguntou o Delegado - vocês não conhecem um meio de acordá-la?

- O único meio seria um cântico. - respondeu Jacó.

- Então cantem.

Eles demoraram para escolher o cântico. Por fim, entoaram um de Natal. Um extenso cântico de 15 estrofes. Cantaram todas as estrofes, e a mulher não despertou.

O Delegado já estava desapontado. Os Muckers também estavam. Jacó das Mulas pega então na mão de Jacobina, ergue os olhos para o céu e resmungo umas palavras. Depois esclarece:

- Mais cinco minutos e ela acordará.

Realmente, decorridos cinco minutos, Jacobina abre os olhos, ergue-se e pergunta:

- Onde estou?

- Na Polícia. – responderam.

Ela resmungou umas palavras, que Jacó das Mulas assim traduziu: Ela diz que há aqui em redor muitos ímpios.

A seguir ela pede que lhe deem de comer e beber. Trazem comida e bebida. Ela então come e bebe com grande disposição. Depois fala:

- Agora eu quero dormir.

- Não, senhora! Então não dormiu bastante? Comeu e bebeu e agora quer dormir ainda, como se fosse um porco!...

- Ímpios, sobre vós cairão os maiores castigos...

Como ninguém desse importância as suas palavras, diz Jacobina a Jacó das Mulas:

- Jacó, defenda-me você contra a fúria destes ímpios.

- Nada disso - intervém o Delegado - vão para a cadeia a senhora e o seu sacristão.

Ambos passaram a noite na prisão. De manhã, outra audiência. Jacobina dizia:

- Vocês não tem poder algum contra mim. Depois de Deus, aqui na terra sou eu.

- Mas a senhora proíbe que se frequentem a escola e a igreja.

- Sim, é verdade. Proíbo porque nelas se ensinam falsas doutrinas.

- E seu marido então não exerce ilegalmente a medicina?

- Ele apenas receita remédios porque para tanto recebeu missão do céu.

Naquele mesmo dia, embarcada em pequeno navio, junto com seu marido e Jacó das Mulas, Jacobina seguiu para Porto Alegre, ficando detida na Santa Casa de Misericórdia, enquanto os dois homens foram encerrados no presídio à disposição da Justiça.



O episódio do Ferrabraz parecia chegar ao seu final. Entretanto, estava era apenas começando...

## **FESTA MALOGRADA**

Enquanto Jacobina, seu marido e o sacristão se mantinham detidos na Capital, os Muckers tramavam no Ferrabraz. Trataram logo de celebrar com grande pompa a festa de Pentecostes em casa do curandeiro.

Apesar da promessa de manter segredo o propósito da solenidade programada, Cristiano Spindler, o Subdelegado, dela teve conhecimento, mediante participação do Inspetor Lehn.

No domingo de Pentecostes, os devotos, em vestes festivas, montados a cavalo, lá vão para a casa de Jacobina. Enquanto isso, o Inspetor e o Subdelegado já vão também, escoltados por praças.

Spindler, que além de Subdelegado era comerciante, conhecia todos os moradores das redondezas do Ferrabraz. Muitos deles eram seus bons fregueses. A missão dele, por isso, tornava-se espinhosa. Mas tinha recebido do Delegado ordem terminante de impedir reuniões dos Muckers a qualquer preço.

Nas proximidades da casa, um grupo de fanáticos tenta impedir a passagem da Polícia. O subdelegado manda chamar o chefe deles, Nicolau Fuchs, e ordena que vá abrindo caminho,

A seguir, o Subdelegado sobe a um ponto elevado e fala a multidão, dizendo:

- Meus amigos, aqui não há nenhuma igreja para celebrar uma festa religiosa, E eu desejo saber quem vos convocou aqui e para que finalidade.

Ninguém responde. Então pergunta pela segunda vez:

- Quem vos convocou aqui?

Jacó Mentz, irmão de Jacobina, responde:

- Foi Deus!

- Meus amigos, - diz o Subdelegado - eu tenho ordem de mandar que todos assinem o compromisso de não mais tomar parte em reuniões. Além disso, trago ordem expressa de requisitar todas as armas.

Todos meneiam a cabeça. Alguns resmungam. Por fim, Nicolau Fuchs, em nome de todos, fala:

- Está bem, sr. Subdelegado. Mas neste caso peço que nos seja permitido entoar um cântico.

- Podem cantar, mas antes disso todos devem assinar o compromisso e entregar as armas.

Assim foi feito. Assinaram, entregaram as armas e cantaram o hino «o que Deus faz e bem feito». Fuchs ainda fez outro pedido: que os deixasse comer antes de se dispersarem.

E, durante duas horas, revezando-se na mesa, em casa da família Maurer, todos comeram regaladamente. Por fim, o Subdelegado disse:

- Agora, montar a cavalo, e cada qual para sua casa!

Em poucos minutos, a casa e o terreiro estavam desertos. Findava assim sombriamente, para a seita de Jacobina, a grande festa de Pentecostes.

Os Muckers partiram, levando estampado nos olhos o furor, acompanhado de gestos insolentes e provocadores contra o Subdelegado, como quem diz: Deixa estar! Um dia você vai nos pagar!...

## **A VOLTA DE JACOBINA**

A ausência do casal milagreiro abria doloroso vácuo no seio dos adeptos da nova seita. Todos lamentavam profundamente. Entretanto, quem mais suspirava pela sua volta era a família de João Sehn, cuja filha, de nome Maria, havia casado pelo rito de Jacobina com um jovem abastado, Guilherme Gaelzer.

Por ocasião do casamento, a profetisa exigiu do casal um serio compromisso, que transtornará os planos do rapaz e de seu pai, um forte comerciante da Colônia.

Acontece que o pai de Guilherme queria que seu filho se estabelecesse com casa de comercio e, para tanto, viajasse por países da Europa em busca de mercadorias. No entanto, Maria e sua mãe não estavam de acordo. Quem então vai decidir a questão é Jacobina, que, durante o casamento, exigiu que Guilherme desistisse da viagem. Foi o que aconteceu.

Durante o mês de junho, num belo dia de sol, João Jorge Maurer, lindamente vestido no rigor da moda, chega a São Leopoldo com sua esposa, provocando enorme surpresa. Chega e vai direto à casa de Luís Weber e diz:

- Você trouxe minha mulher para cá e agora irá nos levar de volta ao Ferrabraz. E há de ser na mesma carroça, pois assim ela predisse e está escrito.

- Não resta a menor dúvida, João Jorge. Mas se Jacobina profetizou que será transportada no mesmo carro em que veio, eu, neste instante, profetizo que não será no mesmo carro. Está bem?

E numa outra carroça, Weber vai levando o casal para o Ferrabraz. Por todo o caminho e especialmente na venda de Pedro Serrano, a surpresa é grande, diante da libertação do casal milagreiro.

A notícia espalha-se rapidamente pela Colônia: Jacobina está de volta! Jacobina está de volta!... Foi um triunfo para os Muckers e uma decepção para os outros colonos, que Jacobina qualificava de ímpios.

O acontecimento era semelhante à libertação dos hebreus do cativeiro do Egito, Por isso, de acordo com determinação de Jacobina, deverá ser celebrado solenemente todos os anos.

## **A «FORTALEZA» DOS MUCKERS**

Depois de recebidas as primeiras homenagens prestadas por seus devotos, Jacobina e seu esposo saíram a cavalo, em visita a todas as casas dos Muckers.

Nestas visitas, o casal tomou conhecimento de que a Polícia e os «ímpios» andavam de olhos sobre os dois. Determinou-se, por isso, que se intensificasse a união de todos os membros da seita. Além disso, devia-se formar uma caixa comum, adquirir armas e munições para a defesa. Devia-se, principalmente, construir um enorme prédio, que serviria de templo e de fortaleza defensiva.

Foi um relâmpago! Quarenta homens, de mangas arregaçadas, entregaram-se freneticamente ao trabalho de construção da nova casa, anexa à moradia do casal Maurer.

Tomando conhecimento da iniciativa, João Lehn, o Inspetor de Polícia, lá vai um dia, escondido na mata, espreitar o movimento. Vê então a construção, de enormes paredes de madeira, formando um só recinto, sem porta, devendo-se entrar e sair pela porta da casa.

Mas o Inspetor tem lá uma surpresa. Quando virou as costas, disposto a regressar para casa, deu de frente com um homem armado de espingarda, a mostrar-lhe o punho cerrado, ameaçadoramente. Lehn, num

pulo veloz, sai correndo, dando graças a Deus por ter se livrado de uma boa surra.

A nova casa, construída em poucos dias, foi-se logo enchendo de provisões de boca e de guerra, como também de dinheiro. Como não? Rodolfo Sehn trouxe logo cem onças de ouro, generosa contribuição do seu cunhado Guilherme Gaelzer. Rodolfo trouxe ainda armas, balas, cartuchos, pólvora...

Cada membro da seita era obrigado a fazer uma contribuição, de acordo com suas possibilidades. Em geral dava-se mais do que se exigia.

Jacobina está radiante, o seu reino consolidava-se dia a dia com maior firmeza. Ela era adorada por todos. Cada qual dispunha-se a dar a vida para a defesa dela.

Apesar de ser uma colona bronca, feia, desdentada, e mãe de numerosos filhos, todos os Muckers a tinham como sua legítima e soberana rainha, pois era o próprio Cristo!...

## **VISIT A DA POLÍCIA**

A seita dos Muckers progredia, deixando o resto da colônia inquieta. Ora aconteceu que um comerciante de Sapiranga, Jacó Kraemer Walter, vulgarmente conhecido por Jacó da Venda, desapareceu um dia misteriosamente.

Como se tratasse de um manifesto adversário dos Muckers, sobre estes caiu a suspeita da sua eliminação. Entretanto, dias depois, Jacó foi encontrado morto no mato. Embriagado, havia caído do cavalo e morrera de frio.



Pedro Hirt, sogro de Cristiano Spindler, o Subdelegado, tinha sido atraído para a seita dos Muckers. O genro, todavia, conseguiu dissuadi-lo a que a abandonasse. Passado algum tempo, João Jorge Maurer vai e transtorna lhe a cabeça com temas místicos. Tão transtornado ficou o pobre velho, que acabou se enforcando.

Estes dois tristes episódios provocaram o alarma na colônia e a indignação geral contra a seita. Em 19.5.1873, lá vai o Subdelegado ao Ferrabraz, juntamente com o Inspetor e alguns soldados. Lá chegando, encontram várias pessoas reunidas, umas a trabalhar, outras a conversar.

- Maurer, - interpela o Subdelegado - você bem sabe que as reuniões nesta casa estão proibidas.

- Mas eu não chamei ninguém aqui. Eles vêm por conta.

- E agora eu quero revistar a casa.

O Subdelegado encontrou então, amontoados a um canto, vinte armas novas. Não foi só. O Inspetor viu, a trabalhar no alto da casa, o jovem Guilherme Maurer, parente do curandeiro, a quem o Inspetor havia dispensado do Serviço Militar sob promessa de não mais se meter com a seita de Jacobina.

- Desta vez, você vai para o quartel!

Ir ao Quartel daquele jeito, era o mesmo que ir para a cadeia. O curandeiro, num gesto de desespero, cai de joelhos aos pés do Subdelegado e suplica que interceda a favor do seu parente. O Subdelegado responde:

- Fale com o Inspetor. O que ele fizer, está bem feito.

Maurer implora então do Inspetor misericórdia. Este se comove e desiste de levar o rapaz, sob promessa de se afastar dos Muckers, e o compromisso de todos voltarem para suas casas.

## **VISITA DO DELEGADO**

Passados apenas dois dias, os Muckers, ainda mais numerosos, lá se encontram a trabalhar afanosamente na conclusão das obras da fortaleza. De repente, uma desagradável surpresa. Surge, não já o Inspetor, nem o Subdelegado, mas o próprio Delegado de Polícia, Lúcio Schreiner, que era parente próximo de Jacobina. Chegava ele com um troço de homens armados, todos a cavalo.

- Maurer, - diz o Delegado - só você me dá mais incômodos do que todo o resto da comarca.

- Senhor Delegado, os desordeiros não somos nós. São aqueles que nos perseguem.

- O quê?! - bradou o Delegado, indignado. - E ainda você nos quer fazer responsáveis pelas suas loucuras? Então você não continua transgredindo nossas ordens, fazendo reuniões, comprando armas, continuando a exercer ilegalmente a medicina, permitindo que em sua casa se preguem doutrinas que transtornam a cabeça?...

O libelo do Delegado era violento, capaz se impressionar o curandeiro. Realmente ele perde a cabeça, e ali, diante de todos, acaba prometendo que abandonaria definitivamente a medicina, as reuniões, tudo, tudo. E deu a sua palavra de honra.

Mais uma vez parecia que a história dos Muckers estaria encerrada.

Puro engano!



## **ATENTADO AO INSPETOR**

Alguns dias após a visita do Delegado ao Ferrabraz, precisamente a 22 de novembro, o Inspetor do quartirão, João Lehn, encontrava-se em casa com sua mãe, esposa e o filho João, de 14 anos de idade.

É noite. Chegam dois indivíduos a cavalo e perguntam ao rapaz:

- Onde está o pai?

- Está lá dentro picando umas abóboras.

- Vai chamá-lo. Precisamos falar com ele.

O Inspetor chega. Manda que os dois visitantes apeiem, quando de repente, detona um tiro, atingindo-o no peito e no braço. Ferido, entra em casa, agarra a espingarda e pela janela pode alvejar os dois vultos.

- Não atire! - diz-lhe a mãe.

Gravemente ferido, fala o Inspetor:

- João, vá chamar os vizinhos. Mandem avisar o Subdelegado e também as autoridades de São Leopoldo.

De manhã acorrem à casa do Inspetor numerosos vizinhos, entre eles, o tio Lenz e Pedro Serrano. Alguns saem em perseguição dos malfeitores, tendo a frente Filipe Sehn, aos quais juntou-se o Subdelegado, que acabava de chegar. Prendem todos os homens da família de João Sehn.

Aos poucos, encontram-se reunidos na casa do Inspetor cerca de duzentos amigos, Uns estão dispostos a marchar contra a cidade dos Muckers e desmontá-la, o que, entretanto, não se verificou por insistência do Inspetor.



O Delegado de Polícia, avisado, parte com uma escolta de soldados e vai prendendo a quantos Muckers encontrasse em caminho. Chega à casa de Jacobina e trata de levá-la presa.

- Onde está ela? – pergunta.

- Está de cama, às portas da morte – informam.

- Não é verdade - responde um guarda - Eu a vi à janela ainda agora.

O Delegado e o Subdelegado entram em casa, penetram no quarto da mulher, encontrando-a na cama, imóvel como um cadáver. Chamam-na. Sacodem-na. Em vão. E agora, que fazer?

Não havendo carro para conduzi-la, resolvem deixá-la em paz, limitando-se a levar presos 33 Muckers, Maurer, por haver quebrado o compromisso assinado, foi condenado a trinta anos de reclusão.

Passados apenas alguns dias, um indivíduo idoso, mas de muita lábia vai a Porto Alegre, entra em contato com as autoridades e, segundo uns, pagando, conseguiu a libertação de todos os presos.

Não foi só isso. Alguns Muckers exigiram do Delegado de Polícia a devolução de todas as armas apreendidas.

Diante desta desmoralização e ainda por temer um atentado, como o que ocorreu contra o Inspetor, Cristiano Spindler, o Subdelegado, demitiu-se do cargo. A mesma petição requereu o Delegado, não sendo, contudo, aceito pelas autoridades superiores.

## **CENAS DE SANGUE**

Entre os 33 presos, encontrava-se Jorge Haubert, de 16 anos, órfão de pai e mãe. Vivia sob a tutela de Robinson. Por sua vez, Jacó

Mentz, irmão de Jacobina e cunhado dos órfãos, havia tomado conta das meninas órfãs, irmãs de Jorge.

O mais velho destes órfãos estava em São Leopoldo, aprendendo o ofício de costureiro, em casa do alfaiate Clos. O irmão insistia com o seu patrão, dizendo:

- Nós não podemos deixar Jorge em poder dos Muckers. Precisamos dar um jeito de trazê-lo para cá.

Após várias e duras tentativas, Jorge consegue enfim fugir das mãos de Robinson, indo para a casa do alfaiate, junto com o irmão.

- Deixa estar - berrou Robinson. - Vivo ou morto, o Jorge vai sair da casa do alfaiate.

Mas Jorge Haubert ainda não está satisfeito. Quer levar para junto de si também as suas irmãs, que se encontram em casa de Jacobina.

Não foi fácil, Jorge chega lá e briga com a velha Mentz, mãe de Jacobina, uma forte mulherona, que chegou a cravar o único dente que possuía no ombro de Jorge.

As meninas foram para junto da família Clos. Entretanto, instruídas pelos Muckers, fizeram a greve da fome. Além disso, dirigiu-se ao chefe de Polícia um pedido de devolução das órfãs.

Era, o dia 30 de abril de 1874. Ao anoitecer o alfaiate vai à venda em busca de fósforos. Súbito, observa que dois vultos mascarados se dirigem para a sua oficina. Daí a pouco, ouve-se um estampido. Que foi? Uma bala certa havia atravessado o coração de Jorge Haubert...

O alfaiate sai correndo atrás dos criminosos, um dos quais, pela estatura, lhe pareceu Robinson. Já perto se encontra, quando um dos bandidos puxa da arma, faz pontaria, dá ao gatilho. Felizmente, a arma nega fogo.



Outras pessoas saem no encalço dos assassinos. O primeiro, um rapaz, aprendiz de ferreiro, é mantido à distância a tiro, Perto da igreja, sai um soldado da polícia, de espada em punho. Uma bala certa derruba-lhe a espada, despedaçando-lhe a mão.

Um sapateiro, com um palanque de cerca nas mãos, já se encontra perto dos bandidos, quando um tiro o prostra banhado em sangue.

Às margens do Rio do Sinos, os dois mascarados embarcam numa canoa, atingem a margem oposta, montam a cavalo e seguem para suas casas.

Mais tarde, os policiais batem em casa de Jorge Robinson. Este fere a tire um dos guardas, quando tentava abrir a porta, Robinson ainda consegue fugir pulando pela janela.

Dias após, Guilherme Gaelzer e um companheiro, surpreendidos com armas em casa, foram presos e enviados a Porto Alegre e daí para o Rio de Janeiro, onde sentaram praça, Guilherme na Marinha, e o companheiro, num regimento de cavalaria.

## **O DIVÓRCIO DE JACOBINA**

João Jorge Maurer ainda se encontrava preso. Jacobina, que havia tempo se desgostara do marido, tratou de valer-se de sua ausência para anular o casamento. Convencera-se de que Maurer não era pessoa capaz de ajudá-la na difícil missão. O marido portara-se de maneira covarde diante do Delegado, quando prometera acabar com as reuniões em sua casa.

Rodolfo Sehn seria o novo companheiro de Jacobina, Rodolfo possuía todas as qualidades para representar o papel de herói ao lado dela.

Maurer, ao regressar da cadeia, recebe o melancólico pedido de retirar-se de casa. Ele se submete como manso cordeiro. Sai a viajar para os pontos mais afastados da colônia, a fim de sondar o ambiente e dilatar o reino do novo Cristo.

Jacobina, que já havia obrigado outros casais a se divorciarem, ela mesma agora, pondo em prática seus ensinamentos, divorciava-se do seu legítimo marido para unir-se a outro homem casado.

Ainda hoje no Ferrabraz, diz o povo que os doze Apóstolos de Jacobina não passavam de seus amantes...

## **RECURSO AO IMPERADOR**

Maurer ainda se encontrava preso, quando os Muckers resolveram enviar uma embaixada ao Imperador do Brasil a fim de solicitar garantias contra a perseguição da Polícia.

O memorial, assinado por 27 membros da seita, alegava que Jorge Maurer era perseguido por haver recusado apoio nas eleições de alguns políticos e por negar empréstimos para sua campanha eleitoral. Invocava também a perseguição amorosa de um funcionário da Polícia a uma cunhada de Jacobina.

Por Jim, o memorial historiava todas as perseguições dos adversários da seita e a continua carga da Polícia contra seus membros.

Era o último recurso, a única esperança que restava a Jacobina e seus fanáticos. Todavia, uma desagradável surpresa os aguardava. D. Pedro II limitou-se a remeter o processo ao Presidente da Província do Rio

Grande, o qual, por sua vez, o encaminhou ao Delegado de Polícia de São Leopoldo, para informação.

A informação, estava clara, só podia vir contraria aos interesses dos Muckers, os quais, diante desta inesperada derrota, tratarão sem demora de fazer justiça com as próprias mãos.

Farão, sobretudo, injustiças. Injustiças não já contra as autoridades policiais, mas contra todos os colonos que não abraçaram a seita. Como possesores de fúria diabólica, vão praticar agora as mais horríveis monstruosidades.

Os colonos notaram logo os preparativos bélicos dos Muckers. Por isso, apresentaram uma petição, assinada por mais de duas mil pessoas, solicitando ao Presidente da Província que expulsasse da colônia todos os membros da seita.

Mas o governo não tomou providências. Limitou-se a substituir o Chefe de Polícia, acusado de inoperante, pelo Dr. Abílio Alves Martins da Costa. Este compareceu em São Leopoldo, logo após o crime que vitimou o Jovem Jorge Haubert e acalmou os ânimos.

Passados alguns meses, João Jorge Maurer regressava de sua viagem. Ao chegar, tem ele uma terrível decepção: Jacobina não o recebe em sua casa. A sua nova esposa seria Mina, legítima consorte de Rodolfo Sehn. Este, como vimos, já havia casado com Jacobina.

Entretanto, Mina, que era católica, não quis unir-se a João Jorge. Três vezes os Muckers a levaram para a casa de Maurer, e ela três vezes fugiu...



## **NOVA FESTA DO ESPÍRITO SANTO**

No dia 24 de maio de 1874, foi celebrada solenemente a festa do Divino em casa de Jacobina. Reuniram-se todos os membros da seita. Entoaram um cântico e depois apareceu a profetisa. Fez a sua prédica, principiando por declarar que se havia divorciado do seu marido para juntar-se com Rodolfo Sehn.

A seguir declarou que o seu exemplo devia ser imitado por outros. E esclareceu: Eu estou procedendo assim, porque o espírito que fala por minha boca o exige.

Citou o nome de alguns casais que deveriam imitar o exemplo dela. Entre estes, encontrava-se Martinho Kassel, primo de Cristiano Kassel.

Martinho era evangélico, ao passo que a sua esposa e filhos seguiam religião católica. O casal vivera sempre em perfeita harmonia e não podia concordar com a decisão de Jacobina. Entretanto, o orientador espiritual Klein e o próprio Cristiano sustentavam que se devia obedecer à ordem da profetisa, sob pena de toda família sofrer grave ruína.

Inconformado, Martinho montou a cavalo e voltou para casa com sua esposa, deixando Jacobina revoltada diante deste gesto de rebeldia.



## **MONSTRUOSIDADES**

Martinho vai a caminho de casa juntamente com sua esposa. Esta diz:

- Se você quiser, Martinho, pode separar-se de mim. Eu, no entanto, nunca me juntarei com outro homem. Prefiro morrer a quebrar meu juramento de fidelidade.

- Pode ficar descansada, mulher - respondeu ele - eu nunca hei de abandonar a você e minha família. Digo mais: Para mim o Ferrabraz morreu. Nunca mais porei os pés na casa de Jacobina.

Chegando em casa, a esposa de Martinho foi à igreja, confessou-se, reconciliando-se em Deus. E desde aquele dia o casal nunca mais voltou à casa de Jacobina, apesar de um pedido por carta solicitando seu retorno.

Passados quinze dias, isto é, a 13 de junho, Martinho encontrava-se reunido com sua família. A filha mais velha tinha 18 anos. O filho mais velho, 16. Havia ainda três crianças.

De noite fizeram juntos a oração e foram deitar. Nicolau, o rapaz de 16 anos, fez a cama no galpão, perto da casa. Mal a família pegara no sono, alguém bate à porta da casa. Uma voz parecida com a de Cristiano Kassel pede que saiam. Nicolau, que acordara no galpão, reconheceu também a voz de Cristiano.

Desconfiado tratar-se de uma cilada, ninguém abriu a porta. No dia seguinte, observando os sinais deixados pelas patas dos cavalos, viram que levavam à casa de Cristiano.

Dias depois, Martinho, acompanhado por um filho do vizinho Bohrer, foi a São Leopoldo entregar às autoridades um ofício de

Inspetor de Polícia. Naquela noite, Martinho dormiu em casa de um cunhado.

Naquela noite ocorreu horrível tragédia em sua casa. Altas horas, Nicolau acorda com o latir dos cães. A mãe e os irmãos dormem tranquilamente, o rapaz percebe que alguém lá fora solta a vaca do curral. Depois torna a reinar o silêncio. Um longo silêncio impressionante.

Depois, ruídos nas janelas e na porta, como se alguém quisesse arrombar a casa. A seguir, no alpendre da casa, o farfalhar de palhas secas, o rapaz desconfia: Vão por fogo na casa...

Realmente ele ouve logo o crepitar das chamas. Acorda a mãe e os irmãos. Agarra da espingarda. Entreabre a porta e uma bala penetra raspando-lhe o rosto, no meio de uma explosão.

Ao mesmo tempo, e atirado um madeiro a porta para impedir o seu fechamento, Nicolau dá ao gatilho, mas a espingarda nega fogo. Desesperado, salta pela janela, de arma em punho.

À sua frente, um vulto negro detona um tiro. A bala passa zunindo rente à cabeça. O rapaz vai refugiar-se por trás do curral. Aqui ele grita: Mãe, venha! Venha, mãe!

Outro tiro, desta vez certo, ao qual o rapaz responde fazendo detonar o segundo cano da espingarda. Tomba um vulto.

Nicolau deita a correr, sangrando. Alcança a roça. Vai correndo, correndo. Depois senta-se atrás de uma moita, de onde contempla as chamas devorando sua casa.

Daí a pouco, um rumor. É o cão, seu fiel companheiro, que deita ao seu lado, aquecendo-lhe o corpo ferido e enregelado pelo intenso frio daquela noite de inverno.

O sangue jorra do peito e dos braços, enquanto observa ao longe as labaredas e escuta os gritos lancinantes de sua mãe e dos irmãos dentro de casa.

De repente nota vultos à porta da moradia. É a mãe e os filhos, que tentam fugir. No entanto, os monstros, pondo-lhes as armas ao peito obrigam-nos a permanecer dentro da casa em chamas.

Nicolau, ao clarão do fogo, reconhece seu primo Cristiano Kassel atijando as chamas com satânico furor. O vulto da mãe surge outra vez à porta, mas um tiro prostra a infeliz mulher, que a seguir é golpeada a facadas, e seu corpo é precipitado no meio das chamas... O rapaz não pode conter um grito de dor!... No interior da casa em chamas, os gritos desesperados continuam lancinando a noite. Ouve-se o soalho estremecer aos saltos de dor dos irmãos de Nicolau.

Por fim, a morte vem abafar os gritos, enquanto os bandidos, soltando gargalhadas, rumam para o Ferrabraz.

Nicolau, arrastando-se, vai refugiar-se num rancho desabitado, onde passa em dores o resto daquela terrível noite de tragédia.

## **PRISÕES**

Martinho Kassel, em casa do cunhado, por volta da meia-noite, recebe aviso do que vinha acontecendo. Acompanhado por vários amigos, lá vai para o teatro da tragédia. Chega e encontra a casa ainda em chamas. Vai a procura da esposa e dos filhos, dando voltas em derredor. Chama por eles, Chama um por um...

Ao clarear do dia descobre entre os escombros os cadáveres calcinados da esposa e dos filhos!... Pouco depois, aparece Nicolau, gravemente ferido, que lhe relata o desenrolar de todo aquele drama terrível.

A notícia da tragédia correu por toda a colônia e chegou aos ouvidos do Presidente da Província, o qual determinou envio imediato de cem praças a São Leopoldo.

O primeiro a cair preso foi Carlos Einsfeld. A seguir, em casa de Jacó Mentz, a polícia deu com Jorge Robinson, o qual, depois de ferir um soldado, conseguiu fugir.

Jorge Klein, o orientador de Jacobina, apontado como responsável pela chacina da família Kassel, foi também preso, quando se dirigia a São Leopoldo.

Na noite de 25 de junho, em movimento de defesa, os emissários de Jacobina saíram armados, homens e mulheres, dispostos, como diziam, a queimar todos os «ímpios».

O velho Dreier, capitão da Guarda Nacional, é o primeiro a sofrer perseguição e a ser baleado pelo Muckers naquela noite, após dramática fuga.

Em casa da família Hofmeister, Pedro Barth assassina a tiro uma anciã, enquanto Pedro Serrano vai a São Leopoldo em busca de socorro armado...

## **INCÊNDIOS E CRIMES**

Após a tragédia na casa de Martinho Kassel, alguns colonos trataram de transferir sua residência para longe do Ferrabraz, com receio de vir a sofrer a mesma triste sorte. Realmente, outros incêndios e outras mortes estavam iminentes.

À oeste da casa de Jacobina, no meio da mata, erguia-se a moradia de Carlo Brenner, um dos integrantes da lista negra dos fanáticos.

Ora, numa noite fria de inverno, Carlos encontrava-se ausente de casa. Os filhos menores já estavam acomodados em suas caminhas.

De repente, cinco indivíduos mascarados cercaram a casa. Não podendo penetrar no seu interior, despejam uma vasilha de petróleo na parede da cozinha e ateiaram fogo. Depois gritam: Carlos!

- Quem está aí? - perguntam lá dentro. Não tendo resposta, Carlos, rapaz de 16 anos, espreita por uma fresta e exclama: Mãe, os Muckers! A cozinha está em chamas! Vamos fugir! Eu escapo pelo porão e vou pedir socorro...

- Também a casa do tio João está ardendo! - diz o outro irmão.

Os irmãos, três rapazes e uma mocinha, saem correndo pelo porão. Vão fugindo debaixo de uma chuva de balas. A mãe, alucinada, refugia-se no sótão. Daqui ela escuta a voz dos Muckers, que haviam saído em perseguição dos filhos: Que pena não poder deitar a unha na bruxa!...

A seguir, com violenta pancada na porta, os bandidos entram em casa. A mulher pôde então distinguir Jorge Robinson, de barbas, embora tivesse o rosto mascarado.

Agora um Mucker aproxima-se do berço onde dorme uma criancinha de peito. Um golpe de coronha de revólver esfacela o crânio do inocente que não solta sequer um gemido...

Ao pé do berço, outra criança de dois anos recebe tremendo golpe na cabeça e solta um grito, que faz enregelar o sangue nas veias da mãe. Mais alguns golpes, e cessam os gritos da criança... No quarto contíguo, outra garotinha de seis anos tem a seguir o mesmo trágico fim...

Depois os assassinos deitam petróleo sobre o soalho, ateiaram fogo para em seguida sair a praticar os mesmos crimes em outras casas...

A pobre mulher, não vendo saída, agarra-se ao parapeito da janela, da parte de fora, recomenda-se a Deus, solta-se e cai incólume...

E agora, para onde ir? A casa do vizinho está em chamas. Vai então caminhando pelo mato. Senta-se numa depressão de terreno. Encosta a cabeça a um tronco de árvore e dá livre curso às lágrimas. Pensa na desgraça que lhe tocou. Pensa nos filhos tão barbaramente trucidados. Pensa no marido que julga longe do perigo, quando ele também anda às voltas com os bandidos do Ferrabraz...

## **OUTROS INCÊNDIOS**

Filipe Klei comerciante em Sapiranga, e quem vai agora cair sob o fogo dos malvados. Por volta das sete horas daquela horrível noite, os Muckers batem em sua casa.

Chegam dando tiros. Põem fogo no armazém, no galpão e na moradia. A família procura fugir para a casa do vizinho, o funileiro Jacó Barth.

A mulher é alvejada, enquanto corria com o filhinho ao colo, mas consegue enfim refugiar-se.

Nas proximidades ficava a venda de Jacó Schmidt, outra pessoa visada pelo furor dos fanáticos de Jacobina. Avisado em tempo, o comerciante abandona o armazém, indo para a casa de Jacó Barth, onde se encontram reunidos vários colonos.

Daí a pouco Jacó e Klei, na esperança de salvar suas mercadorias, saem de casa. Vão andando, quando detonam tiros, e Jacó tomba fulminado, vindo a morrer uma hora depois.

Incendiadas as casas comerciais de Klei e Schmidt, os Muckers montam a cavalo e, dando gargalhadas, rumam para a casa de Filipe Sehn. Em caminho, ateiaram fogo ao galpão do colono Kray...

Era por volta das dez horas da noite, uma noite de frio intenso. Em casa de Filipe Sehn, todos se aquecem ao redor da lareira. Fora, no pátio, Carlos Brenner lida com os cavalos, havendo levado o dia inteiro a transportar tijolos da olaria de Filipe. De repente, ouve tiros, Entra em casa e dá notícia à família.

Esta fica alerta. Depois recolhem-se para dormir. A mulher, antes de deitar, vai à porta dos fundos e observa com espanto que uma das dependências da casa está ardendo. Avisado, Filipe levanta-se, pega da arma, quando vários tiros derrubam a esposa e um filho...

A seguir os Muckers, fugindo, passam pela casa de Kray, cujo galpão já ardia em chamas. Vendo a família inerme, atiram e matam Clemente Kray, o pai de família.

As três da madrugada, os cães tornaram a ladrar diante da casa de Filipe Sehn. Desta vez, os Muckers, encontrando a moradia defendida por Filipe e Carlos Brenner, fogem, embrenhando-se na mata.

## **MAIS SANGUE**

Naquela mesma noite; os Muckers batem em casa de Jorge Maurer, tio de Jacobina, e de Jacó Maurer, ambos moradores de Campo Bom. Estas duas famílias, por não haverem abraçado a seita, sofriam agora cruel perseguição.

Jorge encontrava-se junto ao fogo, quando recebe uma carga de chumbo na grossa capa de gaúcho que vestia e que o defendeu. Jacó, no entanto, não tem a mesma sorte. Crivado de balas, tomba sem vida...

Guilherme Maurer, ferido, foi se arrastando, sendo depois encontrado morto no campo.

Na manhã seguinte, saindo do seu esconderijo no mato, a mulher de Carlos Brenner encontra-se com seus filhos, que haviam fugido, como sabemos. Pouco depois, chega o pai destes, Carlos Brenner, e só então ele toma conhecimento da tragédia de sua família. Vai e vê com seus próprios olhos os escombros fumegantes de sua casa e, no meio deles, as cinzas de seus três filhos menores.

Dezenas de colonos e o próprio professor Weiss saíam àquela manhã do mato, onde se haviam refugiado, fugindo à perseguição dos Muckers. Ao chegar em casa, o professor vê pessoas trazendo o cadáver de uma jovem. Era a filha do colono Teodoro Balz, morta a tiros e a facadas. O corpo do pai desta moça foi encontrado depois nos escombros da sua casa incendiada ...

Mas a fúria dos fanáticos não para aqui.

## **EM DOIS IRMÃOS**

No dia seguinte a este drama de sangue e fogo, a ordem de Jacobina era de prosseguir a carnificina pelas picadas. Jorge Robinson devia dirigir as operações na picada de Dois Irmãos, hoje cidade.

Naquela noite de terror, a mulher de Pedro Serrano, vendo as casas dos vizinhos arderem, resolveu fugir para aqui e refugiar-se em casa do cunhado Pedro Haecksel.

Parte ela no meio da noite fria, levando pela mão o filho de seis anos e, ao colo, o menor, de treze meses. Vai andando como alucinada, rompendo por entre os espinheiros do matagal e o barro das picadas. Uma autêntica odisseia!

Ao chegar às proximidades da casa do sapateiro Ellwanger, não aguenta, mais e cai desfalecida... O pensamento de que os Muckers a poderiam descobrir dá-lhe energias.

Com supremo esforço, põe-se de joelhos, implora dos céus misericórdia. E experimenta então uma força sobrenatural, que lhe anima os membros. Ergue-se e vai apressadamente, vencendo todos os obstáculos.

Passava de meia noite, quando bate a porta da casa do cunhado. Desfigurada, desgrenhada, coberta de lama dos pés a cabeça, no braço esquerdo a criança já sem roupa, que os espinheiros haviam arrancado, foi considerada louca pela sua irmã e pelo cunhado.

- Louca?! pergunta ela - Olhai para fora.

Densas nuvens de fumo cobriam a lua e densos clarões avermelhados atingiam sinistramente o horizonte...

- Os Muckers - esclarece ela - puseram fogo às casas de Sapiranga e trucidam a quantos encontram. Vim aqui refugiar-me e pedir que tomem providências, porque não tardarão a chegar aqui.

Sem mais demora, Pedro monta o cavalo e sai a dar o alarma Mil moradores da picada de Dois Irmãos. Daí a pouco, o sino tocava a rebate e os morteiros atroavam aos ares...

Naquela noite os Muckers não apareceram em Dois Irmãos. No dia seguinte, Robinson, farejando, descobria que seus conterrâneos se encontravam prevenidos e prontos para a defesa.

A mulher de Pedro Serrano havia salvado Dois Irmãos! ...

## **EM OUTRAS PICADAS**

Outras picadas, entretanto, não tiveram a mesma sorte. Na Picada Nova, em casa de João Jorge Fuchs, apareceram, oito Muckers, os quais seguiram daqui para a venda de Miguel Fritsch, Inspetor do quartirão. Chegam, batem à porta, o comerciante abre a porta e é baleado com quatro projéteis.

João Daniel Kolling, forte comerciante e subdelegado do distrito, tinha uma filha, de nome Susana, que um jovem Mucker não pudera conquistar. Agora, para a casa dela marcha a horda selvagem, no momento exato em que Susana e sua mãe saíam para se defenderem, como fizeram antes pai e filhos.

A mulher, abrindo a porta, recebe um tiro, enquanto a filha consegue esgueirar-se pelos fundos, indo refugiar-se em casa de um vizinho, após dramática aventura.

A seguir, os 8 Muckers, perseguidos pelos moradores refugiam-se no mato. Quando tentavam regressar ao Ferrabraz, foram surpreendidos ao cruzarem o Rio Cadeia. Houve tiroteio, durante o qual pereceu um Mucker e um rapaz da família Bauermann.

Na Picada dos Portugueses, os colonos reuniram-se e resolveram dar caça aos sicários, que agora erravam pelos matos.

Em represália, foram incendiadas cinco moradias desocupadas dos Muckers. Acossados por toda a parte, acabaram refugiando-se numa furna no morro de Ferrabraz. Aqui também bateram os colonos, aprisionando cerca de trinta famílias.



## **O EXÉRCITO NO FERRABRAZ**

Em São Leopoldo, como vimos, encontravam-se cem praças, vindos Porto Alegre e prontos para entrar em combate contra os Muckers. Pedro Serrano voltava agora da cidade, trazendo uma escolta de soldados.

Jacobina havia profetizado que a estrada de ferro em construção nunca seria concluída. No entanto, foi por ela que chegaram os que iriam dar cabo dela e de seus sectários.

Estes haviam jurado permanecer fiéis a ela, lutando ao seu lado até morrer. Encontravam-se agora refugiados no seu esconderijo, numa armação erguida na encosta do Ferrabraz, a uns 150 metros da casa das reuniões. Daqui do alto, podiam os Muckers observar todas as operações dos seus adversários.

Para chefiar o ataque, fora escolhido o coronel Genuíno Olímpio Sampaio, um baiano que lutara na Sabinada, na Guerra dos Farrapos, na Revolta Praieira, de Pernambuco, e na Guerra do Paraguai, havendo tomado parte em 21 combates. Era, pois, soldado valoroso e curtido, que não se acobardaria diante de um punhado de colonos.

Em São Leopoldo e Sapiranga, vira ele as lágrimas dos pobres agricultores que haviam perdido suas casas e seus parentes. Tratou, por isso, de apressar o trabalho de pôr fim a tanto sofrimento, liquidando com Jacobina e seus fanáticos.

A 28 de junho, marchava o coronel Genuíno à frente de uma força composta de três contingentes de infantaria, cavalaria e artilharia.

Os Muckers trataram de organizar a defesa, confiando o comando das operações a Rodolfo Sehn, assistido por Cristiano Kassel e Jorge Robinson.

Para chegar à casa de Jacobina, só havia dois caminhos. Num deles, os Muckers derrubaram grande número de árvores, a fim de impedir o avanço das peças de artilharia e dos animais, por um lado, tornando mais fácil a defesa.

Um caminho partia da casa do professor Weiss e ia acabar numa clareira, de onde se avistava a casa de Jacobina. Além de poder observar o movimento das tropas, quando atingissem a clareira, os Muckers colocaram espias em diversos pontos.

## **O COMBATE**

Ao anoitecer do dia 28 de junho, o coronel Genuíno chegava com seu exército à casa de Pedro Serrano, de quem colheu boas informações acerca do caminho a seguir.

A força, composta de 130 homens, entre soldados e voluntários civis, dividiu-se em dois pelotões, que deviam avançar pelos dois caminhos.

Pedro Serrano dirigia um pelotão, o segundo pelotão tinha por guia um bom colono, alto e forte, excelente vaqueano e inimigo ferrenho dos Muckers.

Genuíno pretendia cercar a casa de Jacobina por dois lados, na calada da noite, e surpreender os fanáticos enquanto dormiam.

Mas eles não dormiam. Encontravam-se todos a postos, ao longo dos caminhos, muito bem entrincheirados por trás das árvores e num valo.

A espera prolonga-se enervante, sem que o segundo pelotão chegue. Súbito uma cachorrada dá o alarma. Os soldados engatilham as armas e apontam para um grupo de homens que vem chegando. É claro,

tratava-se, nada mais e nada menos, do segundo pelotão, o qual havendo encontrado o caminho impedido, entulhado de árvores, dera volta ...

Os Muckers podem fazer fogo. Entretanto não o fazem. Genuíno resolve avançar e mandar soltar foguetes, para iludir com seu clarão qualquer posição inimiga.

De repente, uma chuva de balas, partindo de entre as árvores e do valo, derruba vários soldados e fere outros.

A tropa responde, atirando desordenadamente. Os Muckers estão escondidos, ao passo que os soldados encontram-se no descampado, ao desabrigo e amontoados, de sorte que é mais fácil acertar do que errar o tiro.

Genuíno dava ordens desesperadas, que ninguém obedecia. As trombetas tocavam o sinal de cessar fogo. Em vão. Os soldados, enfurecidos, prosseguem atirando à toa.

Enfim consegue-se colocar o canhão em atividade. Mas, ao primeiro tiro, ele emudece. Continuam, entretanto, as descargas de fuzilaria.

Ao ouvir o primeiro disparo de canhão, Jacobina sai de seu quarto e brada: Não temais! Os medianitas não vos farão mal algum! Eles cairão todos em vossas mãos! ...

Realmente, daí a pouco cessava o tiroteio, Esgotara-se a munição e Genuíno trata de se retirar, acossado pela fuzilaria dos Muckers.

Às dez horas da noite, o exército chegava à casa de Pedro Serrano, com 39 baixas, sendo quatro mortos e 35 feridos.

Os Muckers tiveram seis feridos, um dos quais veio a falecer no dia seguinte, assistido por palavras consoladoras de Jacobina e os cuidados médicos do curandeiro Maurer.

## O ATAQUE

Genuíno Sampaio marcara o dia 18 de julho, domingo, para realizar o assalto ao reduto dos Muckers. Era um acontecimento ansiosamente esperado pelos colonos, que haviam deixado seus lares e seus afazeres.

Uma chuva torrencial, impediu a execução do plano, ficando transferida para o dia seguinte. Este surgiu nublado, mas prometendo bom tempo.

Às sete horas, as cornetas deram sinal de partida. A tropa pôs-se em movimento, acompanhada por 300 colonos.

A força era composta de soldados de infantaria, cavalaria e artilharia. Marchava dividida em três colunas pelos dois caminhos e por um terceiro, ao oeste. Na retaguarda ficava o 14º batalhão de cavalaria da Guarda Nacional e os 300 voluntários civis, incumbidos de frustrar qualquer tentativa de fuga aos Muckers.

A uns cem metros da casa de Jacobina, corria uma sanga, junto da qual alguns Muckers, chefiados por Jorge Robinson, se haviam entrincheirado.

Vencendo mil obstáculos, o lamaçal, as estradas impraticáveis, com muitas árvores atravessadas no caminho, a força avançava lentamente.

Às nove horas, os Muckers deram o tiro de alarma, enquanto um foguete da força dava sinal de ataque. Imediatamente os canhões abriram fogo, mas para silenciar em seguida, por falta de solidez do solo, havendo rachado os canos.

A um sinal de Sampaio, as cornetas soaram e a infantaria avançou. Avançou no meio de obstáculos de toda a espécie. A ala do 3º

batalhão seguia por outro caminho, formando um semicírculo, adiantando-se sobre o baluarte dos fanáticos.

## **FIM DA FORTALEZA**

A tropa continua a avançar. Os Muckers, entrincheirados, respondem ao fogo, matando algum soldado, aumentando o furor dos atacantes. Ao grito de - abaixo os miseráveis! - os soldados avançam furiosamente, abrindo fogo desesperado.

O primeiro fanático a tombar morto e Henrique Mentz, irmão de Jacobina. A posição dos Muckers torna-se escabrosa. Robinson parece indomável, parece um tigre. Recebe os sitiantees com grossas cargas de chumbo, em campo aberto. Súbito uma bala certa vara-lhe o coração!

Os companheiros, apavorados, abandonam a trincheira e abalam para a casa das reuniões, onde todos estão a postos, armados até os dentes: homens, mulheres, rapazes e moças, até mesmo os feridos no combate anterior, no dia 28 de junho, estão de revólver em punho, postados à janela.

Alguns dos assaltantes não resistem diante do fogo que parte da fortaleza dos Muckers. É preciso lançar mão de uma peça de artilharia. À distância de 150 metros, atoa a primeira descarga de canhão. Mas a seguir a peça emudece, inutilizada.

O recurso é avançar sob a proteção dos foguetes. O comandante João Antônio de Carvalho, o sargento Francisco Rego e o soldado Miguel dos Santos estão feridos.

A infantaria avança. Avança rapidamente, no meio das balas que assobiam. Chegam ao pé da casa. Precipitam-se furiosamente para o seu interior, pela porta e pelas janelas.

O combate agora é dentro de casa. Os fanáticos entocam-se no andar superior. É uma cena dantesca, infernal. Descargas, choro de crianças, gritos de mulheres, imprecações de homens, gemidos de moribundos...

- Entregai-vos! - brada o capitão Dantas, de revólver em punho, no meio do salão. A resposta é uma descarga, a que ele responde matando dois Muckers.

O coronel Sampaio dá ordem de atear fogo a casa. E então, em poucos minutos, as labaredas lampejam pelas janelas fora. As chamas vão devorando colchões, camas roupa, tudo.

O marceneiro da família Sehn tenta salvar algum companheiro. De machado em punho, penetra por entre as chamas, golpeia a porta de um aposento. Diante dele surge a mulher de Guilherme Sehn, empunhando revólver. Com safanão, o marceneiro desvia-lhe a mão e o tiro vai alojar-se no teto, enquanto uma bala disparada por um soldado prostra a mulher sem vida,

Por trás dela, estão sua mãe e sua irmã Berta, de dez anos, a quem o marceneiro deseja salvar. A mãe protesta, mas também acaba morrendo. Berta agarra-se as vestes da mãe, gritando: - Minha mãe! Deixa-me aqui. Quero morrer com ela! - E tenta atirar-se às chamas, sendo então socorrida e levada, salva, para o terreiro, junto com outras mulheres.

A janela assoma outra mulher. Um soldado a reconhece e chama-a pelo nome de Guilhermina. Ela com um tiro prostra o soldado. No mesmo instante outra bala deixa a ela também sem vida ...

## **NOS ESCOMBROS DA CASA**

Em poucos minutos a cidadela fica reduzida a um montão de cinzas e escombros fumegantes... Entre os que sucumbiram nas chamas, encontrava-se Cristiano Kassel, o assassino do seu próprio pai, autor do incêndio da casa de seus parentes.

Retirados das chamas, jaziam ali oito cadáveres de mulheres. Entre eles encontrava-se o de Maria, noiva de Guilherme; e ao pé dela, o corpo da cunhada, esposa de Carlos, a fanática mulher que havia declarado ao padre: Prefiro que me matem...

Oito eram igualmente os cadáveres de homens. Entre ele, Jacó das Mulas, o fiel sacristão de Jacobina.

Num ângulo inferior da casa, foi encontrado o tesouro dos Muckers: 73 onças de ouro e 210 bolivianos.

Soldados e paisanos, agora ébrios de alegria e loucura, tripudiavam sobre os cadáveres, praticando atos de degradante selvageria...

Dando com o cadáver de Robinson; um caboclo puxa do facão e degola, na vã tentativa de fazer jus ao prêmio prometido pelos moradores de Dois Irmãos.

O coronel Genuíno, satisfeito, expediu um oficial a São Leopoldo a fim de que transmitisse a Porto Alegre a notícia da vitória sobre os Muckers.

A alegria tomou conta da população de São Leopoldo, que festejou o acontecimento como o final de uma guerra, com a vitória gloriosa.

## FUGITIVOS

Entre os mortos na fortaleza dos Muckers, não foram encontrados os cadáveres dos maiorais da seita. Nem Maurer, nem Rodolfo Sehn, nem seus irmãos Carlos e Martinho, nem o velho Sehn... Onde estariam eles?

Tinham fugido, está visto... A cidadela estava cercada por três lados, mas o quarto encontrava-se livre, inteiramente livre. Por ele, os astutos, prevendo o trágico fim, evadiram-se para o mato.

A noroeste da cidadela, trinta passos dentro do mato, brotava da montanha uma fonte de água cristalina e abundante. Junto dessa fonte, os Muckers ergueram duas cabanas, a menor para Jacobina e seu inquérito, e a maior para os demais sectários. Até uma cadeira, feita de ramos, havia lá já para descanso da profetisa.

Para as cabanas haviam anteriormente transportado provisões de boca e munições em grande quantidade. Daqui, pois, no dia 19 de julho, Jacobina acompanhou o desenrolar da luta, tendo aos seus pés deitada uma criança de peito, filho do seu segundo casamento.

Alguns Muckers mantinham-se de sentinela em torno das cabanas. Em dado momento, um deles, um alfaiate, deitou a correr, abandonando seu compromisso de defender Jacobina. Rodolfo o teria matado, se não lhe impedissem.

Posteriormente surgiram outros desertores, os quais se haviam filiado à seita por simples interesse próprio. Vendo agora o declínio da estrela de Jacobina, puseram-se a salvo em tempo.

O episódio de Ferrabraz ainda não havia chegado ao fim, até que Jacobina vive em liberdade, a colônia não pode dormir sossegada.

## **MORTE DO CORONEL GENUÍNO**

O coronel Genuíno Sampaio e seus soldados festejavam a vitória final contra os fanáticos de Jacobina. Tranquilamente acamparam nas proximidades das ruínas da casa da profetisa, para no dia seguinte regressar triunfalmente a Porto Alegre.

Nas barracas do acampamento todos dormem. Apenas o passo lento das sentinelas quebra o silêncio da noite. Senão quando, por volta das quatro horas da madrugada, rompe furioso tiroteio, vindo das bandas do morro. Os soldados levantam e abrem fogo tumultuoso, respondendo ao ataque dos Muckers.

O capitão Dantas, vendo a inutilidade daquele tiroteio desordenado, manda cessar fogo. Debalde torna a suplicar, o combate prossegue violento.

E no meio daquela tremenda confusão, uma bala perdida, disparada talvez por seus próprios soldados, vai atingir o coronel Genuíno, perfurando-lhe a artéria de uma perna.

Por falta de atendimento médico, o bravo comandante, herói da Pátria, da Pátria que ele defendeu valorosamente em numerosas batalhas, dentro e fora do Brasil, morre na tarde daquele dia, num insignificante combate contra um punhado de colonos, fanatizados por uma mulher! ...

O funeral, em Porto Alegre, no dia 21 de julho, presidido pelo Bispo da Capital da Província, foi o mais concorrido e impressionante até aí realizado no Rio Grande do Sul.



## **EXPEDIÇÃO MALOGRADA**

No dia seguinte ao da morte do coronel Genuíno, 21 de julho, o novo comandante, coronel Augusto César da Silva, destacava 50 homens, para desmantelar o último reduto dos fanáticos.

A coluna ia avançando lentamente, nas proximidades do local onde fora morto Genuíno, quando os Muckers, ocultos no mato, começam a despejar fogo, matando três praças. O combate dura mais de duas horas, deixando cinco mortos e sete feridos.

Entre os Muckers, nenhuma vítima. Apenas uma que outra criança foi depois encontrada degolada. Correu boato que teria sido degolada por ordem de Jacobina, a fim de que seus gemidos não denunciassem o esconderijo dos sectários. A crer na voz do povo, até mesmo o filho da profetisa teria sido degolado.

## **EXPEDIÇÃO DOS COLONOS**

O descontentamento na colônia e em toda a Província, diante do malogro das expedições oficiais contra os Muckers, forçou o destemido subdelegado de Polícia de Dois Irmãos, Daniel Kolling, a reunir um esquadrão de 50 colonos, resolvidos a desbaratar os fanáticos.

O coronel Augusto César aceitou a proposta e colocou 50 soldados à disposição de Kolling. No dia 25 de julho teve início o novo ataque, que se processava por três frentes, ao mesmo tempo

Vão avançando na mata, até que uma saraivada de balas os surpreende. Mas os colonos não temem. Avançam despejando fogo. O colono Meinhardt cai morto, seguido por Henrique Hoffmann, Kirsch e Lind.



Foi mais um fracasso. Mais uma vitória dos fanáticos, cujo prolongado fim tanto vinha enervando a colônia. Sim, porque os Muckers continuam incomodando, roubando porcos e galinhas, regalando-se junto com a sua profetisa.

## **O FIM DE JACOBINA**

O capitão Dantas, glória do Exército Brasileiro, não podia se conformar com a derrota de 500 soldados aguerridos, vergonhosamente vencidos por um punhado de campônios.

O coronel Augusto César havia já desistido de continuar a luta. Dantas pede então e obtém autorização para empreender novo ataque.

Vai a São Leopoldo e consegue homens e armas para reforçar os soldados que se encontram acampados em Campo Bom. Estes, contudo, recusam marchar.

Acompanhado de dois praças a cavalo, Dantas chega diante da tropa indisciplinada e, num discurso inflamado, consegue reanimar a força, que a seguir se coloca em marcha para Sapiranga.

Eram 150 homens. Mas o capitão deseja primeiro fazer um teste de pontaria de seus soldados. Com espanto verifica então a total inabilidade do seu contingente, incapaz de acertar o alvo.

Adia, por isso, o assalto e vai exercitando-as até ficarem aptos para a luta. Depois soergue o ânimo abatido de seus subordinados, estimulando-lhes o brio.

Entretanto, os Muckers, ouvindo as descargas dos exercícios de tiro ao alvo, põem-se outra vez em pé de guerra.

E certamente muito sangue teria ainda corrida, se entre eles não houvesse um traidor.

Em fins de julho, um grupo de fanáticos, tendo a frente Carlos Luppa e seu filho, apresenta-se ao Delegado de Polícia, disposto a ajudá-lo a dar cabo de Jacobina.

Carlos Luppa era um velho guerrilheira que procurava o seu interesse. Vendo agora o malogro dos Muckers, resolve desertar. Para salvar a pele, só lhe restava mudar de partido, ele e seu filho, altamente implicados.

O capitão Dantas recebe comunicação do Delegado e aceita Carlos Luppa, que se coloca a disposição para guiar os passos até o esconderijo de Jacobina. Um soldado de arma em punho tem ordem de fuzilar o desertor dos Muckers ao primeiro sinal de traição.

No dia 2 de agosto, às cinco da madrugada, três colunas avançam pela mata. Às seis horas, a coluna da direita topa com duas sentinelas inimigas. Carlos Luppa mata uma delas.

A seguir principia o tiroteio de ambos os lados. Alguns soldados ficam feridos. A força de Dantas marcha ao toque da corneta. Os soldados, protegidos pelas árvores, vão avançando, fechando o cerco com três colunas e aproximando-se das barracas de couro de Jacobina e seus companheiros.

De repente Dantas é ferido por duas balas. Mas o combate prossegue fulminante. As cornetas soam freneticamente. Aos gritos de avançar, estruge o tiroteio.

- Entregai-vos! - brada o oficial. - A resposta é uma chuva de balas. Soa o sinal de ataque. A coluna, com desprezo da morte, avança enfurecida. Silvam balas. Lampejam baionetas. Correm rios de sangue. Cai morta a velha Sehn. Morrem Martinho, Jacó e Carlos, Tombam soldados...

Súbito, Jacobina, descabelada, o olhar desvairado, salta da cabana. A seu lado, Rodolfo, bramindo como tigre, tenta defendê-la. Ela é varada por uma bala. Vacila, procura apoiar-se. Rodolfo tenta ampará-la, abraçando-se a ela, quando uma baioneta, varando os dois, prostra-os por terra sem vida...

Não escapou um só Mucker. Ao redor da choupana, 17 cadáveres jaziam estendidos, entre eles quatro mulheres.

As cornetas soam estridentes, vibrantes, alegres, festivas, ecoando por vales e quebradas, anunciando a vitória e a advento da paz àquelas paragens, por onde correram tanto sangue...

Os corpos foram enterrados em duas valas, perto das choupanas.

João Sehn perecera com sua esposa, quatro robustos filhos e uma filha de risonhas esperanças...

Só um soldado caíra no campo de batalha, ficando ferido dois oficiais, doze soldados e três paisanos.

O capitão Dantas, coberto de glória, foi transportado em maca improvisada até o rio do Sinos, de onde seguiu numa embarcação até Porto Alegre.

## **OS ÚLTIMOS MUCKERS**

Dos Muckers restantes, alguns estavam presos, como Pedro Mentz, Carlos Einsfeld, João Jorge Klein, Cristiano Maurer, Carlos Luppa, seu filho e outros.

Apelando da sentença, foram todos absolvidos, passando a morar na Linha Pirajá, perto de Nova Petrópolis, e outros na Terra dos Bastos, a



40 quilômetros de Lajeado. Os dois Luppa ficaram morando em Porto Alegre. João Jorge Klein, em Novo Hamburgo.

João Jorge Maurer havia desaparecido. Em janeiro de 1875, foram encontrados na Linha Ferrabraz, no mato, os corpos de dois homens enforcados, já em decomposição. Eram João Jorge e seu irmão Carlos Maurer. Não se sabe se houve suicídio ou assassinio.

Os Muckers da Terra dos Bastos e da Linha Pirajá continuaram sendo vítimas de perseguições por parte dos colonos, certamente receosos de uma insurreição da seita. Uma dessas vítimas era Miguel Noé, casado com Aurélia Maurer, filha de João Jorge e Jacobina.

Outros remanescentes da seita eram João Daniel Noé, seu filho Miguel e seus genros Henrique Weber, Guilherme Graebin, Guilherme Bosch e Maurer.

Em 1897, foram mortos traiçoeiramente a tiros Henrique Weber, Guilherme Graebin e Jacó Müller. Em 1902, na Terra dos Bastos, o colono Albino Schröder, voltando de um baile de Natal, encontrou sua mulher degolada, caindo a suspeita sobre os Muckers. Parece, ter sido assassinada pelo marido.

Em 3 de janeiro de 1903, uns duzentos colonos cercaram as casas dos Muckers, matando cinco, a saber: Jacó Graebin, dois filhos Jacó e Adão, bem como Filipe Noé e Luís Kunzel, filho e genro de João Daniel Noé, respectivamente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para concluir, convém trazer, mais uma vez, a palavra insuspeita de Klaus Becker, «Devemos - escreve - como querem alguns, julgar a obra de Pe. Schupp como escrita de má fé? Evidentemente que não. Tendo este benemérito padre jesuíta chegado da Alemanha após os



acontecimentos, não pode, isto é verdade, ser considerado testemunha ocular. Todavia, como investigador meditado, já classificou o material existente de que se servira, mais tarde, para escrever sua obra, além de falar com muitas pessoas que presenciaram ou participaram dos acontecimentos.

O próprio Pe. Schupp diz, mais de uma vez, que não acredita neste ou naquele pronunciamento, incluindo vários em seu livro por mera curiosidade. Para o historiador crítico, apresenta-se, ainda, outro aspecto do problema. É que as informações são, no caso, de adversários dos Muckers. Como tais, tinham o interesse de justificar seu procedimento.

Segundo João Jorge Klein, o próprio Lúcio Schreiner o teria denunciado como a alma negra de toda a história. Logo se vê que o Pe. Schupp não inventou o «personagem misterioso» ou confiou em tradição vaga. Possuía tais informações diretamente das autoridades policiais da época. Será que estas relataram a verdade limpa sobre os acontecimentos ou encobriram algo? Se prestaram depoimentos um pouco modificados e afastados da realidade, entende-se que nenhuma culpa cabe ao renomado escritor jesuíta que, sobre tal não paira dúvida, escreveu a sua narração de boa fé».

Falando dos Muckers, escreve Klaus Becker: «Os indícios existentes parecem apontar os Muckers mais como vítimas que, propriamente, como autores de uma lamentável tragédia. Eram pacatos colonos, perseguidos e judiados sob o pretexto de exercerem uma atividade religiosa que em nossos dias não despertaria atenção. Em verdade, porém, a perseguição originou-se de motivos políticos e rixas pessoais. Não admira que os vexames e os sofrimentos pelos quais os Muckers passaram por um e meio ano, os irritou altamente.

Certo dia terminaria sua paciência. Se praticaram atrocidades, foi quando aproximaram-se as forças do exército e, não vendo mais saída, queriam vingar-se pelo menos destas pessoas que tinham como principais judiadores. Podemos, porém, afirmar que o papel atribuído a João Jorge

Klein como sendo o dirigente oculto de todo o movimento no Ferrabraz não tem procedência.

Tudo indica que, no início João Jorge Maurer foi a figura principal, passando a liderança, posteriormente, para Jacobina. Quais as práticas que realmente foram adotadas pela seita? Já sabemos que não foram nomeados apóstolos, nem praticados atos de libertinagem; não mataram crianças, nem sangraram supostas vítimas; não foram indivíduos desordeiros, mas pacatos colonos e não construíram uma fortaleza, como era voz corrente».

Ilustração que segue:

Ataque contra os Muckers em 19 de julho de 1874 e o acampamento do Coronel Gesuíno Sampaio em Campo Bom.

(Reprodução do encarte entre p. 102-3 da "Enciclopédia Rio-Grandense", 2º volume: O Rio Grande Antigo. Ed. Regional, Canoas, 1956).





[Catálogo do Projeto Passo Fundo  
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

FIDÉLIS DALCIN BARBOSA nasceu no município de Montenegro em 14.12.1915. Fez seus estudos secundários e superiores nas escolas dos Capuchinhos. Professor e jornalista, iniciou seu magistério na Faculdade de Ciências Econômicas de Pelotas, para continuar em Caxias do Sul, Portugal (durante cinco anos), Lagoa Vermelha (professor, secretário e vice-diretor do Ginásio Duque de Caxias durante 18 anos), Canela (Escola Normal "Danton Correia da Silva", Ginásio Maria Imaculada e Escola Técnica de Comércio "Cidade das Hortências"). Desde 1973 leciona Língua Portuguesa e Literatura no Colégio Estadual e na Escola Normal "Rainha da paz" em Lagoa Vermelha.

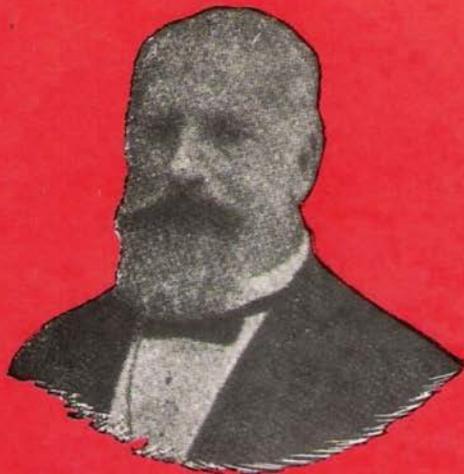
Como jornalista, foi redator de vários jornais e revistas no Brasil e em Portugal. Correspondente do Diário de Notícias, Correio do Povo e Jornal do Dia, da Capital do Estado, colabora ainda nos semanários O PIONEIRO e CORREIO RIOGRANDENSE, de Caxias do Sul, na GAZETA POPULAR, de Lagoa Vermelha e outros jornais e revistas.

Sua estréia nas letras ocorreu em 1961 com o livro SEMBLANTES DE PIONEIROS, vultos e fatos da Imigração no Rio Grande do Sul.

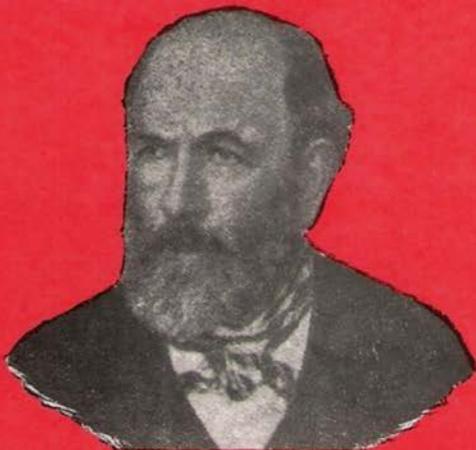
Prof. Irineu Costella  
Porto Alegre, julho de 1976.



Fidélis Dalcin Barbosa



Lúcio Schreiner  
Delegado de Polícia



João Lehn  
Inspetor de Quarteirão



Christiano Spindler  
Subdelegado de Polícia



Passo Fundo



978-85-8326-015-8



Portal

**Domínio Público**

Biblioteca digital desenvolvida em software livre

